

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

Ascensão

Uma das maiores e mais belas afirmações do génio construtivo britânico, durante a guerra, foi o amplo esforço realizado em matéria de educação e ensino. A subita convivência, melhor direi, o subitito encontro que se deu entre os sadios, robustos e equilibrados escolares das vilas e aldeias, e as crianças e adolescentes que, pela forçada evacuação das grandes cidades industriais, traziam na bagagem moral inveterados vícios de conduta e de raciocínio, despertou a opinião pública e obrigou o governo e numerosas entidades particulares a providências imediatas. Imediatas e eficientes. Sem coacção, sem castigos, sem violências, apenas pela adopção de normas de higiene mental e social, que se traduziram, sobretudo, em cuidados de alimentação, em hábitos de limpeza, em vida ao ar livre ou em casas arejadas, e em estudos conduzidos dentro dum critério pratico de esclarecer, de desenvolver a inteligência e não de sobrecarregar a memória—a infância mais ou menos pervertida dos bairros de miséria e de fome, vítima do mau cinema, da leitura de maus romances de aventuras, e, ainda, da existência desgraçada e muitas vezes desregrada dos pais, atingiu, alcançou quasi a saúde de corpo e de espirito das crianças dos meios rústicos.

Transformação rápida e de optimo augurio, como observa num lucido e documentado ensaio o sr. André C. Truffert, colaborador da revista «Renais-

O chefe do governo

japonês

aconselha o cumprimento
de todas as condições

impostas pelos Aliados

LONDRES, 29.—Segundo informa a agência noticiosa japonesa, o Primeiro ministro, príncipe Naruhiko Higashikuni, declarou na sua primeira conferência de Imprensa: «A única forma da nação japonesa salvaguardar a sua querida política nacional e restaurar a honra nacional do Japão é o cumprimento leal de todas as condições de rendição que serão impostas pelos Aliados, observando assim estritamente a ordem do Imperador».

A agência acrescenta que o chefe do governo japonês disse que pretende ser o primeiro a dar o exemplo a toda a nação quanto à liberdade de palavra, exprimindo francamente a sua opinião sobre todos os problemas mais importantes do país.

Interrogado sobre as causas da derrota do Japão, o Primeiro ministro disse: «O Japão foi derrotado nesta guerra em consequência duma grave quebra do poder militar. O emprego da bomba atómica e a entrada da Rússia na guerra foram outras causas importantes da derrota. O governo e as autoridades militares persistiram nas práticas que tendiam a conduzir a nação á derrota e, ao mesmo tempo, senso moral dos habitantes foi aniquilado. Suponho ser imperativo que a nação inteira reflita nas suas responsabilidades e se arrependa sinceramente dos erros do passado».

O príncipe Higashikuni apelou para a agricultura para que a futura situação alimentar no país não seja gravíssima.—(Reuter).

Vai haver eleições no Japão

LONDRES, 29.—A agência de notícias japonesa informou que se realizarão eleições gerais no Japão antes do fim do corrente ano.—(R.).

Continuam os suicídios em massa

SAN FRANCISCO, 29.—Rádio Tóquio anunciou esta manhã que continuam a efectuar-se no Japão suicídios em massa, por causa da derrota sofrida pelos japoneses e que o povo nipónico não pode esquecer facilmente.

Acrescentou que durante o dia de ontem, outros 46 japoneses de todas as categorias sociais, se suicidaram em frente da residência do imperador Hirohito, rasgando o ventre com um punhal.—(U. P.).

sances», fundada em Paris já depois da libertação da França, e onde colho estas informações de tanto e tão flagrante interesse. Flagrante para todos os países, de facto, pois revelam e indicam determinados aspectos do que deve ser a escola de amanhã, não só na Inglaterra, mas na Europa necessitada e desejosa de resolver os problemas sociais que a preocupam e assediavam.

Não se julgue, porém, que os nossos amigos e aliados ingleses ficaram por aí. A visão exacta do que sucedia, a noção realista das soluções que se impunham, levou o governo a não demorar a apresentação ao parlamento duma reforma de educação em que a instrução primaria e secundaria recebem impulsos e obedecem a conceitos e regras de alta importância para o futuro. Resuma-se o que, decerto, será

JOÃO DE BARROS

(Continua na pag. seguinte)

DUELOS POLÍTICOS

Uma angina diplomática

de José Luciano

desesperou o ministro da Alemanha

e provocou um combate à espada entre dois jornalistas

por Artur Portela

Há quarenta anos, quando o jornalismo político florescia, coloridamente, em Portugal, ocorreu um pitoresco episódio que, durante largo tempo, foi o mais saboroso prato de resistência da opposição.

Era pelo findar de 1905, ano tenebroso no domínio diplomatico, mas duma doçura idílica em Portugal, em que mais uma vez subira ao poder, segundo a lei inexorável do rotativismo, o partido progressista. Dessa vez, porém, José Luciano, que cultivava a doença crónica como uma beleza do seculo os segredos do toucador, não ficou atrás da cortina, como um deus ex-maquina do poder. Aceitou-o em inteira responsabilidade, entrincheirando-se, todavia, como de costume, sob o armário de remédios da sua alcova governamental, ali á rua dos Navegantes. Sentado numa poltrona, as pernas embrulhadas num plaid, ou mesmo em decubito dorsal, o encanecido chefe progressista trabalhava, enquanto um correio agalado, mala de couro a tiracolo e sopezando a redea do cavalioco, aguardava, pacientemente, os despachos urgentes para os levar a galope ás Necessidades confiantes, ás repartições publicas adormecidas, senão



BARBOSA COLEN

mesmo ás embaixadas em transe grave. Algumas nuvens sombrias saídas da forja do Marte teutonico ensombravam, porém, o céu azul desta pacata e descuidada Lisboa.

Guilherme II, de capa branca, capacete prateado á Lohengrin, desembarcára em Tanger, num dia de vaga grossa, e, a cavalo, com trombetas de opera heroica, dirigira-se ao consulado do seu país, para marcar uma presença, determinadamente conquistadora em Marrocos. Sabese o que depois sucedeu. Delcassé caía sob a imposição do príncipe de Bulow, mas a França, com o apoio da Inglaterra, Portugal e da própria Italia saía-se, vitoriosamente, da Conferência de Algeciras. Por toda a parte, o espirito germanico, com os laivos sangrentos que duas guerras mundiais ficaram atestando, se intrometia, tentando obter expressões de «Kultur» territorial e economica.

Estava, então, em Lisboa o barão de Kemnitz, sem duvida, um bom prussiano que, embora não usasse bigodes em angulo recto, no estilo capiloso do Kaiser, apresentou ao governo uma «nota» sobre a expropriação de determinada quinta, na Madeira, que se destinava a edificação de um sanatório—ideia do príncipe de Hohenlohe, que ali fôra pouco tempo antes.

Os ingleses, com o apoio da população da ilha, haviam-se antecipado aos alemães, na aquisição da propriedade, evitando assim o que todos supunham ser uma disfarçada penetração estrategica. Quando o diplomata foi pela resposta não encontrou José Luciano no Ministerio do Reino. Sua Excelencia estava enfermo, e se os negocios do país não estavam suspensos, eram, todavia, á cabeceira do seu leito que se tratavam. Dirigiu-se o ministro ao palacio dos Navegantes, mas ali, o chefe do governo entendeu que não devia atender, na intimidade do quarto, de pijama e pantufas, rescendendo a vaselina mentolada, tão alto representante diplomatico. O barão de Kemnitz, desesperado, mandou rodar a sege armoriada com a aguija imperial. O que diria a Wilhelmstrasse se não recebesse, no prazo estipulado, o relatório cifrado sobre tão transcendente problema?

No dia seguinte, o ministro da Alemanha voltava aos Navegantes, e José Luciano, entre os boiões de unguentos e o caldinho reparador,

(Continua na 11.ª pag.)

O general MacArthur

chegou a Okinawa

e dirige-se a Tóquio

NOVA YORK, 29.—O correspondente em Okinawa da «National Broadcasting Company» annuncia que o general MacArthur chegou a Okinawa, vindo de Manila, e que se dirige para Tóquio. Acrescenta que teve uma recepção verdadeiramente delirante por parte das forças norte-americanas que ali se encontram.

O referido correspondente informa que centenas de aeroplanos de transporte, repletos de tropas aliadas de ocupação, estão prontos a levantar vôo para a área de Tóquio, onde devem descer ás primeiras horas de amanhã, juntamente com o general MacArthur.—(U. P.).

A instalação do Q. G. aliado no palácio imperial de Sagami

OKINAWA, 29.—O general MacArthur teve uma demorada conferência com os oficiais do seu Estado Maior que o acompanham ao Japão, a qual se relaciona com a instalação do primeiro quartel general aliado no palácio imperial japonês no golfo de Sagami, próximo da baía de Tóquio, e com outros importantes assuntos referentes á ocupação do Japão.

MacArthur passou revista ás tropas aliadas prontas para tomar as centenas de aeroplanos de transporte, que as conduzirão ao aeródromo nipónico de Atsugi. Juntamente com estas tropas seguem grandes aeroplanos de transporte, repletos de munições e equipamento militares.—(U. P.).

MacArthur condecorado

OKINAWA, 29.—O Presidente Truman concedeu a medalha de serviços distintos ao general MacArthur, comandante supremo das forças do Pacifico, pela forma como planeou e dirigiu a campanha das Filipinas.—(R.).



O almirante sir Bruce Fraser, comandante das forças navais británicas no Pacifico, felicitando as tripulações que conduziram duas grandes docas flutuantes de Glasgow para a Austrália

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

Ascensão Colónias de férias

(Continuação da pag. anterior)

aprovado e promulgado dentro dum prazo curto:—escola única, ensino gratuito, assistência escolar, compreendendo o fornecimento de refeições e de vestuário, escolas maternais desde os dois anos aos cinco, fiscalização médica, escolas para anormais e para atrasados, e, finalmente, subsídios aos estabelecimentos de ensino particular de reconhecida probidade pedagógica. Em suma:—pela reforma projectada, em face das aristocráticas organizações dos collegios de Eton ou de Harrow, ergue-se outra grande organização escolar que, não querendo nem destruí-las, nem suplanta-las, oferece a todas as crianças inglesas as mesmas, absolutamente as mesmas vantagens, oportunidades de trabalho e de aquisição de cultura, qualquer que seja a sua situação económica e o meio social a que pertencam.

Exigiria uma larga exposição o projecto inglês e, também, o ensaio do sr. Truffert, que o analisa e comenta em vinte paginas de singular agudeza crítica. Mas fixemos, por hoje, esta lição admirável:—em plena luta, em plena tragédia da guerra, se os homens moriam e se sacrificavam aos milhares, a infância inglesa vivia num ambiente de carinho austero que dela fará cidadãos úteis e aptos às nobres tarefas e missões de amanhã. Assim, cumpre que em atmosfera igual vivam e se desenvolvam as crianças do mundo inteiro, para que gente sadia, enérgica e generosa, em comum edifique a paz e saiba sempre conserva-la, honra-la e fortalecê-la.—J. de B.

DE LUTO

Adriano Vitor Fernandes Videira

Na sua residência faleceu hoje o sr. Adriano Vitor Fernandes Videira, de 66 anos, natural de Santa Valha, Valpaços, comerciante, casado com a sr. D. Palmira Godinho Fernandes e pai dos srs. Manuel José Godinho Fernandes, comerciante e Renato Aurelio Godinho Fernandes, funcionário publico. O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 16 horas da rua Cidade de Manchester, 42, r/c, para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João.

O preço das águas minerais

Acêrca da local que publicámos há dias, relativa ao aumento de preço da água de Vidago e das Pedras Salgadas, informa-nos o presidente da Direcção da União dos Grêmios da Industria Hoteleira e Similares do Sul, que os preços de venda ao publico são da exclusiva responsabilidade dos proprietários dos respectivos estabelecimentos, não tendo aquele Grémio qualquer interferência na determinação dos mesmos preços.

Os preços das referidas águas sofreram ultimamente o aumento resultante do encarecimento da mercadoria na origem e do respectivo transporte.

(Continuação da página central)

neficiará cerca de 842 meninas e meninos. A colónia funciona desde 1941 e já abrangiu 3.417 crianças.

A Brigada Naval, desde 1939, tem dado a sua assistência a cerca de 3.200 crianças. Este ano, em turnos de 150, a colónia começou a funcionar em julho, devendo beneficiar 900 rapazes e raparigas. Sob o patrocínio das Juntas de Freguesia, funcionam, a partir de 1926, as suas colónias de férias, numa quinta de S. Julião do Tojal. Durante este período—cerca de 16 mil crianças gozaram de vinte dias de bom ar, contando-se entre tantas 1.800 que irão até ao fim de setembro, receber alojamentos em S. Julião do Tojal.

Também a Misericórdia de Lisboa, desde há três anos, vem facilitando um estágio nas instalações do Sanatório Santana, às crianças da Casa Maternal e do Recolhimento Central—ao todo, 500 crianças beneficiadas, 200 das quais este ano.

Com mais largas possibilidades, a F. N. A. T. que, ao todo, proporcionou, a partir de 1938, em condições acessíveis, estágios a 7.188 adultos, nas colónias da Caparica, «Um lugar ao sol»—mantem, desde 1940, as Colónias Balnear Infantis General Carmona, na Foz do Arelho, e dr. Oliveira Salazar, na Praia da Aguda. Ao todo, 8.775 crianças—do sexo masculino—beneficiaram de um estágio que, este ano, segundo o que está previsto, atingirá 3.000.

Entre as mais antigas, pois funciona desde 1940, destaca-se a Colónia de Férias mantida, sob o patrocínio do Grupo José Alberto de Oliveira Canelas, embora com fundos aparte daquele cofre, porquanto são deficitárias as condições em que vive uma instituição nascida da mágoa de um pai pela morte de seu filho. A colónia—beneficiam dela as crianças protegidas pelas escolas do grupo—funciona em Salreu, no distrito de Aveiro, numa bela quinta com uma casa bem montada que só não recebe mais crianças porque não há fundos para tanto. Ao todo, já 430 crianças beneficiaram do estágio de um mês—como convém—devendo ser 150 as que este ano seguirão para Salreu.

O maior numero de crianças assistidas pertence á colónia de «O Século»

Impondo-se pelas suas nobres intenções e pela grande órbita da sua acção, com um elevado sentido social, há a Colónia Balnear Infantil de «O Século», fundada em 1927 e funcionando em S. Pedro do Estoril. Até hoje, 33.611 crianças beneficiaram de um estágio de 15 dias—e, aqui, não estão incluídas as 2.379 que, este ano, ali irão tomar banhos de mar ou só os ares da praia. Esse numero de beneficiados deveria aumentar este ano—e só não aumenta, porque não estão concluídas as obras de ampliação da sede do já importante edificio balnear.

Três das mais recentes colónias foram criadas pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade, Sociedade «Voz do Operário», e pela Companhia das Águas. A primeira funciona por turnos de 21 dias, na Praia da Ericeira e Venda do Pinheiro, desde 1937, e recebe 240

crianças por ano; a segunda funcionou em 1941, pela primeira vez, nas Azenhas do Mar, e beneficiou já cerca de 900 crianças—incluído 200 que este ano estão a ser instaladas em Fitaes—e, finalmente, a terceira, a da Companhia das Águas, que funcionou este ano, pela primeira vez, por entendimento com as Juntas de Freguesia, em S. Julião do Tojal, e na Foz do Arelho, de acordo com a F. N. A. T. Este ano, 53 meninas e 24 rapazes permanecerão naquelas duas colónias, divididos em três turnos.

São, pois, estes numeros que, avaliados no seu grandioso conjunto, nos dão o total bastante expressivo de 9.888 crianças beneficiadas com ar puro, assistência médica e alimentação a melhor que é possível fornecer, em casas cheias de luz e asseio—condições que, durante o resto do ano, nem sempre, infelizmente, lhes é possível obter em Lisboa...

As colónias de férias

dos filhos dos empregados do Municipio de Lisboa

A par da acção cultural que tem ultimamente desenvolvido, a Camara Municipal de Lisboa está a realizar uma obra de assistência infantil em beneficio dos filhos dos seus serventuários de mais modestos vencimentos, que é já notável.

Logo após ter tomado posse do seu cargo, o presidente do Municipio, sr. tenente-coronel Salvação Barreto, iniciou as suas diligências para obter facilidades a fim de proporcionar estágios em colónias de férias ás crianças filhas dos funcionários. Com a delicada colaboração da F. N. A. T. a Camara Municipal enviou, em Junho do ano passado, um primeiro turno para a Colónia de férias «General Carmona», na Foz do Arelho e, nos meses seguintes, outras crianças estagiaram na colónia de campo de S. João do Tojal, pertencente á Commissão Central das Juntas de Freguesia de Lisboa. No ano passado, cerca de quinhentas crianças beneficiaram desta acção de assistência infantil do Municipio lisboeta. Todas essas crianças voltaram com aumento de peso e a saúde revigorada.

Este ano, novamente foram enviadas crianças para as Colónias de Férias cujos dirigentes colaboraram com a Camara e, como no ano transacto, verificou-se o magnifico beneficio que para elas representa esse estágio. Foi possível, agora, aumentar essa acção benéfica e, este ano, pode dizer-se que todas as crianças filhas de serventuários da Camara com vencimentos mais baixos, autorizados pelos pais terão o seu estágio em colónias de férias de campo ou praia. Para isso, a Camara Municipal de Lisboa obteve a colaboração dedicada do sr. governador civil, da F. N. A. T. e do «Século» que, na sua colónia balnear de S. Pedro do Estoril, também receberá algumas crianças.

AGRESSÃO BARBARA de que resultou a morte

FUNCHAL, 29.—Agostinho Santos. Cerca agrediu bárbaramente a pontapé, no lugar do Estreito, Camara dos Lobos, José Abreu, de 14 anos, do sítio do Cabo Podão, que veio a falecer. O agressor foi preso e o cadaver do menor autopsiado.—(Lusitania).

A FALTA DE PNEUS

FERREIRA DO ZEZE, 28.—O problema dos transportes agrava-se aqui, de dia para dia, em vista da diminuição de carreiras a que tem sido forçada a empresa concessionária, por motivo da falta de «pneus». O caso é particularmente grave nesta altura do ano, pois que é muito maior o movimento de passageiros e de mercadorias.



Atenção!

Esta noite, ás 21 e 30

Mestre João Nuncio dá alternativa a D. Francisco de Mascarenhas (Fronteira) e o sevilhano António Bienvenida defronta o valente mexicano «Cañitas». Os forcados-amadores de Santarém, capitaneados por D. Fernando Mascarenhas. Oito gordos e bravos touros do sr. J. Mendes Nuncio e um cedido pela Ex.^{ma} Casa Palmela para prova de alternativa de António Lazaro. Bilhetes nos Restauradores, até ás 19 e 30, e depois nas bilheteiras da Praça

Rosa Araujo, na Avenida



O monumento a Rosa Araujo, já na sua Avenida da Liberdade, deu a mestre Francisco Valença a espirotuosa primeira página do «Sempre Fixe», de hoje. Botelho comenta na ultima página, a semana nos seus ecos incisivos, e Os Ditos da Semana, e versos de Silva Tavares preenchem a segunda pagina. Stuart, Pargana e outros caricaturistas, e as secções «Na ilha dos galegos», «Histórias Fantásticas», «O teatro visto por fora e por dentro», Cinema Nacional, «Coisas da Rádio», e «Os Grandes Humoristas», completam mais este bom numero do popular semanário que tem ainda palavras cruzadas e outros passatempos.

O PORTO pelo telefone

Bacalhau para o Porto

PORTO, 29.—Entrou esta manhã a barra do Douro, indo fundear em Massarelos, o bacalhoeiro «Infante de Sagres II», pertencente a esta praça e o primeiro a regressar este ano. O seu carregamento é constituído por seis mil: quinquais daquele precioso alimento, quantidade de esta considerada a mais importante que aquele barco tem carregado. Toda a tripulação vem com saude.

EXAMES

Terminou o curso de Ciências Economicas e Financeiras o sr. dr. Dr. Estancio de Sousa Carusca, com as elevadas classificações de 17 valores em quatro cadeiras e de 16 valores nas três restantes.



MENINO

Arnaldo Manuel Nunes Rijo

FALECEU

Arnaldo Henriques Rijo, sua esposa e mais familia participam o falecimento do seu muito querido e chorado filho e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 30, pelas 16,30, da rua Sebastião Saraiva Lima, 30, 3.º, para o cemitério de Arruda dos Vinhos.

AGENCIA MAGNO



«Cañitas» num formidável «ayudado por altos»



Monumental

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11
Rua Carvalho Araujo, 2 a 12

NOITE DA MODA



HOJE, CANTAM em AMBIENTE SELECIONADO: BERTA CARDOSO, distinta actriz e voz de ouro do Fado; MOISÉS CAMPELOS (cantor de grande categoria artistica). Em tangos: CARLOS LOURENÇO. Em FADOS CASTIÇOS: BRIGIDA SILVA, JULIO VIEITAS e MARIA MANUELA. No humorismo: JOSE DE FREITAS (o Sr. FREITINHAS). MONUMENTAL é GRANDE nas suas INSTALAÇÕES e nos MELHORES PROGRAMAS ARTISTICOS.



LUSO

A's 21,30



Manuel dos Santos

José de Castro

GRANDIOSA SESSÃO DE FADOS, DEDICADA AOS ESPADAS «ANTÓNIO BIENVENIDA» e «CARLOS VERAS» QUE SE DIGNARÃO ASSISTIR DEPOIS DA CORRIDA DO CAMPO PEQUENO — Toma parte neste espectáculo o formidável TRIO RIBÉRIZ que tantos aplausos tem obtido — Magnifico conjunto com os queridos e populares artistas: MANUEL DOS SANTOS, ILDA SILVA, JOSÉ DE CASTRO, EMILIA FERREIRA, ANTÓNIO AUGUSTO FERREIRA e a mais castiça fadista da sua idade, MARIA JOSÉ — Acompanhamentos em guitarra e viola por CASIMIRO RAMOS e MARTINHO DE ASSUNÇÃO.

AMANHÃ — SESSÃO DA MODA

HOJE NOVO SUCESSO O RANCHO DO SORRAIA

em 2.^a apresentação dará outro espectáculo ao ar livre na Praça das Nações exibindo nos seus traços típicos o tão apreciado repertório de eabor ribatejano.
Todo o publico poderá assistir a mais esta encantadora festa folclórica que pelo brilho e entusiasmo com que é desempenhada vai merecer fartos aplausos

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

continua a ser o lugar preferido para diversão da população citadina que nela encontra os atractivos mais variados para passar as noites.

Venha jantar ao ar livre — Prove as especialidades americanas Saboreie as deliciosas faturas e churros

Viaje na ribeira misteriosa

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Apresenta um grandioso programa de atracções internacionais e duas orquestras de ritmo moderno

THE DIXIE BOYS COM A VEDETA DE JAZZ MARY-MERCHE E ARCADIA

"HOJE EM NOITE DA MODA" PAVILHÃO PORTUGUÊS



em despedida apresenta o grande cantor português **Alberto Ribeiro** que parte para a América do Sul

Em pleno êxito **Argentino e Manena — Carmelita de Cordoba — Pepita Ruiz — Hermanas Soler, «As 4 Luminosas»** e as famosas Orquestras **SOUSA PINTO** e **MIURAS DE SOBRE.**

NO ECRAN: O milagre do cinema a cores

AS MIL E UMA NOITES

c/ Maria Montez — Jon Hall e Sabu

A's 0,30

SEVILHA

AVENIDA TELEFONE 2 7 2 7 3

HOJE, AS 21,30

A peça de grande êxito

A SERPENTE

Duas famosas criações pelos artistas

BRUNILDE JUDICE

e ALVES DA COSTA

Aos domingos, «matinée» às 16 horas



O milagre de S. Francisco (TORTILLA FLAT)

com Spencer Tracy — Hedy Lamarr — John Garfield

T. 27172 — A's 9,30



ÚLTIMA Voltando ao passado

com Humphrey Bogart, Irene Manning e Susan Peters

Hoje, A's 21 e 30



Um sonho

A's 21 e 30

PALACIO

que saiu certo

A's 21 e 30

com Robert Beatty e Bárbara White

LYS

Tarzan na guerra

tel. 48560

Milionários de ocasião

A's 21 e 15

REX

Os heróis de Paris

Telef. 29656

SETE PECADORES

A's 21 e 15

VARIEDADES 2 SESSÕES A's 21 e As 23

SÓ ATÉ DOMINGO

A hilariante comédia musicada em 2 actos

CHUVA DE FILHOS

Com Mirita, Vasco, Alvaro Pereira, Eunice Muñoz, Barroso Lopes, Maria Fernanda, Carminda Pereira, Isabel de Carvalho, Hortense Rizzo e João Pio



A véspera

A's 21 e 45

de São Marcos

com Anne, Baxter William

Eytha e Michael O'Shea

TELEF. 50593



PAGOS A DOBRAR

A's 21,30

com Fred Mac Murray, Barbara Stanwyck e Edward G. Robinson

telef. 2 0768

«Matinées» diárias



INSUSPEITOS

Telef. 27493

CASEI COM UM ANJO

No terraco, ao ar livre, às 21: INSUSPEITOS

Bailados por Carmen Valles.

Concerto pela Orquestra CARAVANA

Concerto pela Orquestra CARAVANA

TERRASSE

TARZAN NA GUERRA

telef. 20917 — A's 21 e 15

Milionários de ocasião

A's 21 e 30

CASINO

Handel

ESTORIL

com Wulfrid Lauson

Teatros e Cinemas

E FEMÉRIDES

1845: Nasce em Lisboa o escritor teatral João Baptista de Matos Moreira, que foi livreiro no Rossio. Escreveu várias peças originais, entre elas «Amor buscando amor», «Rosto e coração», «Desgostos de um homem feliz» (comédias) e o drama «O filho da sombra». O seu maior êxito que se representou no Teatro de D. Maria, foi a comédia em 1 acto «Guerra aos nunes». Fez, também, diversas traduções e imitações.

Aniversário natalício: o actor Azevedo Moreira (Manuel Azevedo Moreira).

Atrás do reposteiro

A companhia do Variedades que vai interpretar a revista «Alto lá com o charuto», de Luiz Galhardo, Vasco Santana e Carlos Lopes, é a seguinte: Mirita Casimiro, Maria Luiza, Georgina Cordeiro, Carminda Pereira, Maria Fernanda, Helena Felix, Luiza Colon, Maria Louissette, Jeanette Vallée, Mercedes Olival e Ausenda Monteiro (bailarinas), Vasco Santana, Alvaro Pereira, Barroso Lopes, Carlos Baptista, Domingos Marques (tenor), João Pio, Carlos Valério, António Mestre (acordeonista), Peggy e Humberto (bailarinos) e a atracção Evi and Joe Slak.

—Regressou do Buçaco o maestro-compositor Jaime Silva, inspector técnico da Sociedade de Escriitores e Compositores Teatrais.

—A actriz Aida Uitz passa a fazer parte da companhia Alves da Cunha, que se encontra na Sá da Bandeira, do Porto.

—Intitula-se «O Pião», o «compère» da revista «A Vitória», que começou a ensaiar no teatro Maria Vitória, e que vai ser interpretado pelo actor Carlos Leal.

—A actriz Dina Teresa trabalha no sábado e no domingo, em Leiria.

—Na festa da Rádio que se realiza hoje no Estoril, toma parte a bailarina Araceli Coral, da companhia do Maria Vitória.

—Encontra-se quasi restabelecido o actor Alvaro de Almeida, que só no domingo retira da Casa de Saúde dr. Azevedo Gomes.

—A «tournée» da companhia Maria Matos, começa em Santarém, onde se estreia com a peça «A marechal».

—O «Serão Camoneano», realiza-se no dia 15 de setembro, junto ao Paço de Sintra, entrando perto de 80 figuras. A figura de Luiz de Camões, vai ser desempenhada pelo actor Joaquim Miranda. Os ensaios de coros começam no dia 3.

Cinema nacional

A música do filme «Matinée», às 4., argumento de Anibal Nazaré e realização de Santos Mendes, é dos maestros Raul Ferrão e Fernando Carvalho. Um dos principais papéis será desempenhado pela «vedeta» da rádio Maria Sidónio.

Primeiras exhibições

«O milagre de S. Francisco», no São Luiz

Victor Fleming, o realizador de «Tudo o vento levou», deu-nos no cinema outro livro famoso, «Tortilla Flat», de Steinbeck, e sempre com boa compreensão das obras e facilidade da sua transmissão ao espectador. Esta tem acção numa aldeia entre as fronteiras da Califórnia e do México, para não dizer que no México, e cujos habitantes, por suas origens ou por influência do clima, preferem a morte ao trabalho, e vagueiam na indigência, e cantam e bebem e amam alegremente, sem preocupações. Uma mulher, portuguesa de origem, para honra nossa, faz o milagre de pôr a trabalhar um daqueles vadios, e S. Francisco, através dum velho amigo dos cães, e através do fervor religioso daquela gente, o de fazer com que os seus companheiros compreendam, ainda que episódicamente, que só as aves são vestidas e alimentadas por Deus, e que os homens têm de trabalhar para se vestir e comer. O milagre maior, é o de vermos o chefe dos vadios trabalhar para que seja salvo por milagre de S. Francisco, um dos seus companheiros, o regenerado por amor daquela mulher. Tudo isto, e muito mais, é bem dado no filme que nos mostra a vida daquela gente, decaída por uma alimentação apenas constituída por tortas e feijões.

A interpretação é notável, com Spencer Tracy numa das suas melhores criações, John Garfield, Frank Morgan, Akim Tamirof e a bela Maria Clara nos principais papéis

APOLLO 2-SESSÕES — 2 A's 20 e 45 e às 22,45

Grande sucesso da inesquecível opereta de graça, emoção e alegria

Nazaré

Irene, Herminia, Costinha, Santos Carvalho, A. Machado, Luiza Durão, A. Reis e Maria Clara nos principais papéis

PEÇAM-BRANDY POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L. Rua da Rosa, 198—Telef. 25565

Hedy Lamarr. Inicia os complementos, entre os quais um panoramico que completa a paisagem do filme de fundo, um pequeno filme com uma garota prodigiosa de expressão e dicção.—Visor 55

Lon Chaney, o idolo do publico!

Só hoje e amanhã, em «matinée» e á noite, um grande filme, no Coliseu

Lon Chaney, o homem das mil caras, o artista extraordinário que arrebatou plateias amantes de bom cinema, não morreu. O seu espírito e a sua arte continuam a perdurar na arte e no espírito de seu filho Lon Chaney Junior, o grande idolo do momento, que faz vibrar o publico de Lisboa na interpretação maravilhosa da formidável película «O Corsário Negro», um documento real do que foi a luta entre pioneiros, destemidos e índios sanguinários, para a consolidação do solo americano.

CARTAZ TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 30—«A Serpente».

VARIEDADES—A's 21 e às 23—«Chuva de filhos».

APOLLO—A's 20 e 45 e às 22 e 45—«Nazaré».

CINEMAS

S. LUIZ—«O milagre de S. Francisco».

TIVOLI—«A véspera de S. Marcos».

EDEN—«Pagos a dobrar».

POLITEAMA—«Voltando ao passado».

COLISEU—«Corsário negro».

OLIMPIA—«O dragão negro».

ODEON—«Um sonho que saiu certo».

CAPITOLIO—«Insuspeitos».

PALACIO—«Um sonho que saiu certo».

REX—«Os heróis de Paris».

TERRASSE—«Tarzan na guerra».

LYS—«Tarzan na guerra».

SALÃO IDEAL

R. AMADORA—«A mulher tigre».

UM ARTISTA CEGO

O violinista cego que há dias entrevistámos tem recebido bondosas provas do interesse dos nossos leitores, alguns dos quais o têm convidado a passar por suas casas, como o sr. Evaristo Nogueira que, depois de, com um seu amigo, ter intercedido por ele num caso da rua, o recebeu na sua residência para o ouvir tocar e lhe fez o donativo de 240\$000. A todos agradecemos o interesse manifestado pelo desventurado artista.

DECK-BAR

ORGANIZAÇÃO MIAMI

TERRAÇO DO CAPITÓLIO

Todas as noites às 0,30

DANCING AO AR LIVRE

com os artistas:

ANITA SANSANO

CARMEN VALLES

MARINA HARWEY

e a alegre Orquestra

CARAVANA

sob a direcção de Fred Trinsher

Casino de Sintra

HOJE — NOITE DA MODA

A célebre parelha de baile

ELOISA Y LARRIUT

Grandioso êxito dos Casinos estrangeiros

SABADO: JANTAR À AMERICANA

(Marcam-se mesas)

A direcção comunica que a última carreira para o Estoril parte do Casino á 1 hora da manhã.

Retiro dos Marialvas

Empresa

JOSÉ MIGUEL

A'S 21 H.

Maria do Carmo Torres,

Maria Loureiro, Aurora So-

bral, Domingos Silva e Al-

varo Rodrigues. ENTRADA

FRANCA.

Leiam o jornal humorístico SEMPRE

FIXE

UNIVERSAL GENEVE
ALTA CATEGORIA
Relógios Invulgarres

VIDA literária

A alma de Toledo



É a casa do marquês de Toledo, com o seu arco mudejar e o seu portico, finalmente lavrado, como tá-lha de altar, na fantástica cidade de Greco. Não lhe falta, sequer, uma «reja» florida e alpendrada, balcão de amor e de paixão, onde uma rosa vermelha talvez tivesse caído, nalguma noite de luar de prata, numa aventura romântica do belo génio espanhol.

1 Saiu agora uma nova edição de «Bobos na Corte», obra de evocação do conde de Sabugosa, que tinha o segredo de animar graciosamente os pequenos quadros da História... Portugal Editora.

2 «Meditações Críticas sobre a Língua Portuguesa», estudos de estética e psicológica do idioma, problemas da moral do estilo, personalidade da nossa língua, pelo sr. dr. Vasco Botelho do Amaral.

O PRETO NO BRANCO

Julgamentos históricos

É explicável que um advogado com trinta e cinco anos de exercício da sua profissão, se interesse pelas causas celebres e históricas, mesmo quando elas se passam além-fronteiras. O julgamento de Pétain, marechal de França e personagem já agora definitivamente arrumado na História é uma coisa a que eu desejaria muito ter assistido. Seria uma maneira também de ficar na História, como aquele que estava radiante porque «vinha nos jornais», visto que os jornais diziam que tal acontecimento notável fora presenciado por «numerosa multidão» e ele estava entre essa multidão. E outro julgamento que lamento não ter presenciado foi o de Charles Maurras, um dos homens que mais influíram na viragem das opiniões da gente nos países latinos, em especial aquela geração que entrou na vida a seguir à minha. Ser velho não é uma coisa que traga grandes vantagens. Mas uma traz com certeza a quem tenha uma memória razoável e não esteja em plena involução senil—é a da perspectiva. Em 1898 eu—o que é a precocidade!—lia e traduzia razoavelmente o francês.

Havia o suplemento ilustrado do «Petit Journal» nesse tempo, que se vendia na Monaca do Rossio e custava meio tostão. Eu colecionava o «Suplemento» litografado a cores e aos domingos, por intermédio daquelas litografias berrantes, punha-me em contacto com os sucessos importantes da Europa. Nesse tempo a Europa limitava-se para mim, estudante do liceu, à França. O resto não tinha importância de maior. E tenho ainda nos olhos uma página do «Petit Journal», representando um militar de lunetas, de pé diante de outros militares chamarrados de ouro e condecorações. E lembro-me do título que era assim: «O capitão Alfredo Dreyfus diante do Conselho de Guerra». O que me apaixonou a história deste vago capitão francês, complicado romance policial em que havia documentos secretos, julgamentos à porta fechada, manifestações ruidosas de rua e se falava de coisas que faziam vibrar a minha alma de rapazola sincero—a Verdade, a Justiça, o Direito! Eu conhecia todas as personagens—o general Mercier, du Paty du Clam, Henry Estherazy, o senador Scheurer-Kestner, vice-presidente do Senado francês e, sobretudo, acima de tudo, dois nomes: o tenente-coronel Picquart e Emile Zola—o Zola do «Germinal» e da «Débâcle». Foi o primeiro processo que conheci em pormenor—eu que depois, na vida, teria de conhecer tantos! Lembro-me que entre as testemunhas contra Dreyfus havia uma que era o tenente Pétain. Não sei se este tenente era o marechal de agora. É possível, mas não afirmo. Lembro-me também do aspecto gráfico do jornal «L'Aurore», que eu também comprei.

RAMADA CURTO

(Continua na 9.ª pag.)

SINCRETISMO

por AUGUSTO RIBEIRO

Tudo encerra um mistério; a própria dor tem vários modos de se insinuar: sofrendo o mal ou exaltando o amor, quantos, entre desvairados e temores, confundem alegrias e pesar!

Como herança que o tempo nos legou, é diversa nas suas expressões; umas vezes relembra o que passou, outras, sugere estranhas ambições.

E tão dominador é o seu poder, tão forte e grande a sua eternidade, que a íntima vontade de querer alia o erro e o tédio de viver à luz fugente da felicidade.

3

Está publicado o fascículo 8.º do «Portugal Maravilhoso», obra de notável mérito literário e histórico, dirigida por João de Barros.

4

«Objectivos de Paz da Polónia», de Adam Prazier, prefácio e tradução do dr. Guilherme de Ayala Monteiro.

O ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ (II)

O relêvo

por Pedro Mayer Garção

Prosseguindo no nosso pequeno estudo analítico, continuaremos a realçar a tendência de E. de Queiroz para as aliterações (e certos ritmos estranhos) que se vão tornando, pela complexidade, cada vez mais deliberadas.

9)—Emprego de três letras iniciais, iguais.

Exs.: Moralistas, Metafísicos e Místicos (F. M. 143); silêncio, solidão e sol (U. P. 313); velada, vaga e vaporosa (R. 173); pacífico, probo e patriota (C. F. 81); longo, lento, languído e banho (R. 166); sua sacra sombra (R. 263); vóvó viesse ver (M. 1.º v. 108); curral coberto de colmo (P. A. 148); julgava já justificado (P. B.º 514); macios membros de mármore (R. 327); radiante e recamada de ramagens (R. 238); desilusão, desesperança ou derrota (C. e S. 123). E todos nos lembramos do grito do Vidigal, quando Eça lhe pergunta se conhece Fradique:

—E' meu parente! E' meu patrio! E' meu parceiro! (F. M. 10).

10)—Emprego de quatro.

Exs.: apenas apareciam as pontas do arvoredor afogado (C. 186); fôlego fundo como um

fôlego de forja (F. M. 219); carão côr de couro curtido (F. M. 219); de fadiga ou de furor tão forte que faz (C. 177); tinha tempo tomaria um trem (P. B.º 334); um moço magro e murcho murmurou (R. 113); café côr de chapéu cômico (C. e S. 364); cascas de côco cheias de clara (C. 205); sacudindo de si para sempre secamente (M. 1.º v. 198); rápido recomçava o rolar retumbante (C. e S. 364); pendem perdidamente, sobre profundidades, palmeiras desgrenhadas (C. 166); sumptuosidade sólida e sucudente da sua beleza (R. 327).

11)—de cinco consoantes.

Exs.: curas e cônegos pelas catedrais da cidade e capelas (Mm. 67); pelos caminhos constantemente chivam carros carregados (C. e S. 364); «Pois Teodorico, parabéns, você portou-se como um pimpão». Que tem agora v. s.ª a piar? (R. 443).

12)—De seis consoantes.

Exs.: dobrando para trás a cabeça, respirei o ar cálido, consoladamente, como uma corça cansada (Mm. 37); procissões passando num rumor de pachorrenta penitência por tardes de sol e de poeira (M. 1.º v. 24); focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as pégalas pisadas (C. e S. 125).

13)—Aliterações sucessivas.

Exs.: Depois disso, tens tido (P. B. 151); a terra tódá parece preñhe de pão (Cartas 334); colo côr de medronho mal maduro (R. 326); logo lançar fogo à floresta (U. P. 180); cadência cava de malho malhando (C. R. 34); por cima o céu, sonoro e sólido (R. 355); as mãos vazias e vagas, e abertias no ar, cabeça caída, parecia pensar (U. P. 174). Este último exemplo traz à lembrança um passo de L'homme qui rit, 1.ª ed., pag. 80: «...les vagues vues dans la clarté crépusculaire, à profil perdu, avaient des aspects de flâques de fiel».

14)—Aliterações alternadas.

Exs.: correm alfômbres de cebolinha e cenoura fechados por cheirosa alfazema (R. 393); aventureiros magníficos arrancavam mundos da sua esterilidade e mudez (C. R. 152); trazendo através das traves abrasadas dos tetos que abastiam (U. P. 290).

15)—Colisão de consoantes ásperas; repetição do mesmo fonema em quase todas as palavras que compõem a frase. (Predomínio do r como fonema apical simples ou uvular, do s como fonema sibilante surdo e do t).

Exs.: rodando com rodar rangente noutra arrastada fila (C. e S. 52); rochas de mármore rosado rebrilham com rubor quente (C. 166); caíram à pressa as ancoras douradas das galeras de Cleopatra (R. 411); nos seus curtos saios de couro cru balançando um chulo curto (C. R. 483); o verde-negro sossego do seu Brejão (N. C. 529); massacre em massa das classes médias (M. 1.º v. 172); gemia a mãe do moínho doméstico (R. 263); patas de insectos tecendo uma teia (C. 181); talhava-se até tarde um monte forte (M. 1.º v. 47); montes cobertos de abóios esbatidos (P. B.º 470); bufava, arfava, esalfado daquele fogoso desabafado (C. R. 163); só o som dos seus passos sobre o soalho da sala (P. A. 632); só o som dos seus passos grossos no tapete da sala (P. B.º 394); parra roída de cressa ferrugem (C. 347); —Sou um ressequido! —disse ele sorrindo. Sou um impotente do sentimento como Satanaz... Segundo... (M. 1.º v. 199).

16)—Repetição da mesma vogal tônica.

(Continua na 9.ª pag.)

OS NOSSOS CONTOS

Irresolução!

por João Rita Monteiro

Já repararam no desespero mortal do melro, ao ser encarcerado? A fúria suicida com que tenta arrombar as grades da prisão, não conseguindo mais que ensanguentar-se e cair sem alento, revela bem quão preciosa é a liberdade para a simpática avezinha.

Assim ficara João, depois daquele colapso. Atirara aos ventos, aos montes e às planícies o seu desespero sem limites:

—Antes a morte!... Antes a morte!...

E um desejo veemente de impôr a sua inocência, a sua íntegra honradez, legado precioso dos seus antepassados, tomou-o pouco a pouco e a calma e subsequente raciocínio abrandaram a tempestade que lhe rugia na mente.

Como fôra aquilo?

Se pensava agora na morte, porque não a enfrentara, quando o homem, pequeno, chapéu caído para os olhos, entrara no gabinete e, de pistola em punho, lhe ciciara:

—Não grite!... e apontando o cofre—abra...

Cobardia?... Falta de presença de espírito?...

Oh! Cobardia nunca. Bem se lembrava do episódio da Praça, quando uma vaca, com a mosca, esteve por um triz para maltratar a Rosa, que fugia espavorida com o filhito ao colo.

Ele nem pensara. Viu um ser indefeso e frágil em perigo, e instintivamente—como se orgulhara depois!—postara-se em frente do animal enraivecido.

Pegara-o bem; segurara-se-lhe no cachaço, corpo entre os chifres, e com os joelhos apertara-lhe furiosamente o focinho, cortando-lhe a respiração.

O bicho, vencido, parou, e então outros o dominaram completamente.

Foi olhado com admiração e a Rosa ficara-lhe eternamente agradecida; fôra até padrinho do seu segundo filho.

Mas agora onde estava aquela coragem?

E quando fôsse descoberto o roubo, acreditá-lo-iam?

A dúvida persistiria no espírito dos outros, pois sempre o conheciam tímido, irresoluto.

Estranha, incompreensível a sua atitude. Ficara-se quieto e calmo, olhando o homem, e nem assomos de evitar o roubo lhe passaram pela mente.

—Não, coarde não era! O que nunca tomava era a iniciativa de uma justa violência. Precisavam espicaçá-lo, ferir-lhe o amor próprio. Fôra sempre assim. Já de pequenino, quando com os companhei-

ros de infância chegava a vias de facto, era severamente castigado pelos pais, que não compreendiam que um menino defendesse os seus infantis brios.

Então retraíra-se. Para obedecer a essa determinação paterna, foi muitas vezes alijado de coarde. Mas ele não o era, sabia-o bem! Algumas vezes, quando não podia tolerar mais insultos, ou metiam o nome do pai ou da mãe no conflito, então já nada o segurava, perdia a timidez e zurriz nos adversários de tal maneira, que os punha a todos em debandada.

Nesses momentos, sentia-se tal como sabia que era: justo e inteligente.

Depois, em casa, a mãe olhava-lhe para um arranhão na cara e indagava:

—Bateste-te com alguém, meu filho? E ele, que não sabia mentir, acenava afirmativamente com a cabeça.

Então a mãe, braços ao alto e mãos na cabeça em atitudes arreliadoras, afirmava a quem a quisesse ouvir que o filho era a sua perdição, e outros disparates.

Como ele recordava, nitidamente, pequenas peripécias da sua mocidade!

A cabeça doía-lhe, e ele apertava-a entre as mãos, não querendo pensar mais.

A sua vida terminara ali, com o fim da sua boa reputação.

Ah! Se não fossem os excessos dos pais!... Sim, porque o menino nada sabia fazer. Não sabia o que dizia, segundo afirmavam, e ele tantas vezes poderia, com razão e justiça, consumir factos, pronunciar opiniões!

E assim cresceu obcecado pelo hábito de não ter iniciativa própria! E ainda agora, já homem, quando expunha as suas razões pessoais, havia sempre na sua fisionomia o injustificado receio de ter alguém que lhe afirmasse, como antes, que não tinha autoridade pessoal.

Era assim em tudo, quando podia fazer tudo que os outros fizessem.

Foram os pais, os causadores dos seus tormentos de agora, porque o não deixaram adquirir personalidade.

—O menino não sabe o que faz!—esta expressão, que constituía estribilho habitual da mãe, enraivecera-o muitas vezes.

Agora estava ali. Via o céu azul e na sua alma era tudo breu! Que fazer?... Que seria dele agora?...

J. R. M.

CRÍTICA LITERÁRIA

I—Que é espírito?

É um facto: a palavra espírito, sejam quais forem as vicissitudes porque tenha passado, continua a ser uma bandeira que todos gostam de empunhar. Claro está que se trata de uma dessas armas de dois gumes perigosamente dispostas para ferir os próprios de dela usam. Isto se prova quando chega o momento de passar do plano da meditação ao da acção. Aqueles para quem o espírito é apenas um escudo disposto de molde a aparar os golpes que lhes possam vibrar os que de facto vivem no seu culto desinteressado, breve traem o seu jôgo. Basta que lhe ponham nas mãos a vara do poder.

Sim, nada de ilusões: há, de facto, uma mentalidade largamente generalizada no nosso tempo, que do espírito só cura na medida em que o espírito pode servir os seus fins materiais. Espírito é espírito, não há alquimia capaz de o transmutar em coisa diversa. Eis por que surpreende ver alguns—tantos—prontos a avocá-lo quando unicamente estão lidando com valores materiais. O fanatismo, mesmo quando tem o espírito por alvo, já está comparticipando de qualquer coisa que de espírito nada tem. Há, realmente, muitos homens que nunca compreenderam a essência dos valores espirituais, embora falem neles a cada passo. São esses os que do espírito não sabem senão o que outros lhe disseram. O instinto os guia na escolha de uma atitude em face dos problemas da vida. E o instinto, como é sabido, comparticipa da animalidade da natureza. Quanto menos inteligente é o homem mais instintivo. Isto quer dizer que o instinto está muito mais perto do que é material que a inteligência. Assim, desde que o homem se governa por crenças e se deixa contaminar pelos princípios recebidos como herança de sangue ou de instinto, dá provas de uma rudimentar espiritualidade. Ao espírito chega-se apenas pelo espírito e o espírito é inteligência, compreensão, sensibilidade, amor, faculdades e sentimentos por natureza muito mais perto do que é de veras humano do que de veras é animal.

Não é difícil, postas estas premissas, compreender como os homens se podem arrumar em duas grandes correntes mentais: de um lado os homens de pensamento, os verdadeiros espiritualistas, seja qual for a conclusão filosófica a que o seu espiritualismo inicial os conduziu; do outro, os homens de instinto, ou os verdadeiros materialistas, seja qual for a conclusão filosófica a que ascendam. Há casos em que os primeiros atingem o materialismo e os segundos o espiritualismo. Como quer que seja, o espiritualismo dos materialistas ou homens de instinto esse é que é o verdadeiro. O materialismo dos homens de pensamento não passa do campo especulativo. Por isso mesmo é raro vemos um homem de pensamento descer a acção materialista, e vulgaríssimo ver um homem de instinto chegar ao perfeito materialismo em nome do espírito que diz servir.

Quando vemos evocar os princípios espiritualistas aqueles que nada fazem no mundo que não seja determinado por causas instintivas—pouco importa que elas sejam firmadas sobre valores de facto espirituais, como a religião, por exemplo—devemos ter cautela. Estamos em face de materialistas falsamente empunhando o pendão do espírito. Os santos—um S. Tomás, por exemplo—chegam ao espírito pelo pensamento embora a solução que procuram esteja para ele antes do auto de pensar. Descartes chegava á verdade pela dúvida: era um pensador. S. Tomás chegava á verdade pela crença: era um místico. O místico e o pensador podem participar do mesmo espiritualismo fundamental. Não assim os apenas crentes: os fanáticos puros, seja qual for a sua crença ou o seu fanatismo. A ascese mística é uma forma de pensamento não racional, e o pensamento não é todo racional. Pode pensar-se com o espírito seguindo os caminhos que o espírito segue quando procura a verdade por si mesmo. Este é o melhor e mais fecundo pensamento. Por isso mesmo não vejo contradição entre crença e razão. Vejo contradição—e profunda contradição—entre razão e instinto, entre pensamento e fé, desde que a fé é uma simples conquista do instinto; uma herança material que certos homens vão arrecadando de geração em geração, da mesma maneira que os animais arrecadam, de pais para filhos, o instinto rudimentar improgressivo que lhes permite ir vivendo. Para muitos homens a fé, a crença, tudo quanto sabem da terra e do céu, da vida e da morte, do pensamento e da acção, da sociedade e de coisa pública é instinto, animalidade, fanatismo.

II—Eloquência e fé

No livro *O Rei dos Reis e Mensagens ao mundo Lusitana*, Plínio Salgado, o notável escritor brasileiro há anos residente em Portugal, põe mais uma vez á prova o seu temperamento

O Rei dos Reis e Mensagens ao mundo Lusitana,

por PLÍNIO SALGADO

Livro do capitão sem nome,

por F. CHEDAS

Grandeza e miséria,

por DINIZ DA LUZ

polémico. Escrevendo aqui mesmo em 1944 acerca da sua *Vida de Jesus* teve ocasião de definir o meu ponto de vista sobre a natureza da mensagem deste escritor. Não obstante o íntimo e amoroso labor que ele pôs em escrever uma história da existência de Jesus, a verdade é que das páginas do seu livro se não pode aprender estarmos em face de um místico. Plínio Salgado mostra-se, nessa obra, muito mais homem da terra que do Céu. Esta mesma impressão nos fica ao lermos as páginas dos dois trabalhos de que se compõe o volume *O Rei dos Reis* (Pro Domo, Lisboa).

Evidentemente que o autor da *Vida de Jesus* é um crente. A sua crença, porém, é muito mais instintiva que mística, se me é permitido expressar-me assim depois do que deixei escrito na introdução deste artigo. De facto, Plínio Salgado, no seu *O Rei dos Reis*, faz a apologia do messianismo português consubstanciado no mito do Encoberto. E, assim, servindo-se desse mito, afirma que ele «constitue uma das manifestações mais fortes da capacidade de ideal e de sonho da gente portuguesa e um dos valores positivos no balanço das virtudes e das eficiências na economia fundamental do carácter e do temperamento lusitana». Não estamos em desacordo com este ponto de vista. É muito natural que assim seja. Não vemos, porém, que haja motivo para nos vangloriar-mos disso. Só há necessidade de criar mitos no genero do Encoberto quando se entra em decadência. Aspirar a um ideal que se não alcançou é talvez um estímulo fecundo. Creio que

é esse o ideal de todos os povos verdadeiramente progressivos. Pelo contrario, concretizar numa figura histórica a quem se não deve qualquer prova de grandeza além daquela que resulta da sua morte ingloria no momento em que a Patria se perde, afigura-se-me sintoma de decadência. Por que havemos nós de ser messianistas de um valor que está no passado, não no futuro? Por que havemos nós de desejar um regresso e não um progresso? Voltar os olhos para um mito histórico irrealizado é virar costas ao que está para vir, esperando de ainda poderemos voltar ao que não chegou a ser.

É certo que Plínio Salgado atribue a D. Sebastião largos projectos de realização espiritual. E ai temos o espírito a servir o poder, o instinto, a politica, o fanatismo. Inventariando ao longo da historia de Portugal, todos os momentos de triunfo do espírito, Plínio Salgado não faz mais do que recorrer aos heróis e aos conquistadores para comprovar a sua tese. O espírito que esses poucos defendem e pelo qual combatem não é o verdadeiro espírito. Or isso mesmo não fazem parte do inventário os períodos verdadeiramente fecundos da vida mental portuguesa. Heróis, santos, conquistadores, politicos tudo quanto é manifestação do instinto da raça no sentido de uma aceitação fanática do espírito religioso, lá comparece no tal inventário. Fica fora dele tudo o mais: inteligência, ciência, cultura, investigação numa palavra humanismo. E de novo nos encontramos em frente da terrível dualidade: o messia-

nismo da nossa raça leva-nos, talvez, á prosperidade politica, á grandeza imperial, afastando-nos, porém, da prosperidade intelectual, do progresso científico, de todos os benefícios que o homem costuma colher da sua luta contra a passividade da natureza própria e da Natureza em sentido absoluto.

É muito possível que haja maneira de harmonizar o poder da terra com o poder do Céu. Tem-se trabalhado muito no sentido de explicar a conformidade do espírito, que é força e poder, com o espírito, que é apenas amor e compreensão. Um místico não pode compreender tal conformidade; um verdadeiro intelectual também não. Isto quer dizer que tanto o místico como o intelectual têm pelo espírito a unica devoção que ele realmente merece. No ultimo livro de Aldous Huxley há uma personagem que sintetiza pitorescamente as duas atitudes: a daqueles que combatem fanaticamente pelo poder do espírito na terra e o daqueles que unicamente combatem pela sua aceitação. Enquanto os primeiros têm como lema «morrer e fazer morrer» («die and make to die»), embora morram e matem pelo espírito que é o bem, o bom e o justo, os outros apenas querem viver e deixar viver («Live and let live»). Aqueles matam os que não concordam com eles ou não concorrem com eles para o esplendor do espírito, estes, pelo contrario, apenas pensam viver no espírito ou para o espírito sem obrigarem ninguém á força a comparticipar desse amor pelo que é bom, justo e verdadeiro.

O tom das palavras de Plínio Salgado, que desta vez é francamente oratório e proselitico, não nos permite pensar que ele faça parte realmente do numero dos que lutam pelo espírito unicamente porque o espírito é espírito. Há na vibração das suas palavras um ardor que não é de um verdadeiro intelectual, mas de um desses homens para quem a intelligencia é um instrumento de combate ao serviço do instinto. Mais do que nunca se pode afirmar que Plínio Salgado nada tem de místico. Este livro afirma-o plenamente como polemista e politico. Um politico do espírito, um politico da fé, um politico da temporalidade dos valores intemporais, eis o que se afirma Plínio Salgado nos dois trabalhos de que se compõe este livro, uma obra cheia de eloquencia e de fé.

III—Guerra e humanidade

No *Livro do Capitão Sem Nome* reúnem F. Chedas, um official do exército, ao que supponho, uma série de pensamentos relativos á arte da guerra. Evidentemente que os autores seleccionados são todos mais ou menos militaristas. Salvo aqueles que são militares por profissão, e grandes militares, tais como Napoleão, De Gaulle, Foch ou Lyautey, os demais provêm, em grande numero, daqueles sectores da vida intelectual onde a guerra é bem vista. E temos Machiavel, Maurras ou Barrés. Outros há, é certo, mas incidentalmente tais Dostoevski ou Maritain. Supomos ser este um livro bastante interessante para todos aqueles que se dedicam á profissão das armas. Parece-nos, porém, sem qualquer interesse para os demais. Os problemas da guerra e da paz são muito complicados, sobretudo neste momento historico em que a guerra adquire definitivamente, em aspecto científico e total. Numa guerra futura talvez os exércitos não cheguem a entrar em combate. Todos os homens, todas as mulheres todas as crianças ficam sujeitos ás leis inexoráveis da carnificina organizada. Será esta a unica maneira, talvez, de arrancar á humanidade o virus guerreiro. Não creio, de facto, que a guerra desapareça da face do mundo senão quando o mundo acabar, e tudo nos leva a crer que uma guerra mais será o fim da vida humana.

IV—O verdadeiro espírito

Muito mais edificante que o livro de P. Chedas é o volumezinho do Padre Dinis da Luz, *Grandeza e Miséria, episódios e factos da vida dos grandes homens* (Pro Domo, Lisboa). Subtilmente embrechados no tecido da propria obra e entrecidos de um estilo todo vernáculo, surgem neste livro episódios e factos extraordinariamente edificantes acerca da grandeza e da miséria de todos aqueles que no mundo têm vivido pelo espírito. Escritores, musicos, pintores, cientistas, santos, prelados, perpassam pelas suas páginas em episódios dolorosos e bellos.

Parece que Dinis da Luz pouco mais tinha que dezoito anos quando o compôs. Pelo menos foi escrito entre os dezoito e os vinte anos. Ninguém o diria, não só pela elegancia com que está escrito como pelo sabor de vernaculidade que a prosa do autor lhe empresta. É certo que nem sempre estes estilos saborosam-ate

JOÃO GASPAS SIMÕES

(Continua na 9.ª pag.)

COLEGIO FEMININO FRANCES

ff. do Salitre, 62 — Ensino Primario e Liceal — Telef. 43701



O seu encanto seduz

MIMO

As suas qualidades convencem

FÁBRICA MIMO • GRAEF & CIE • LA CHAUX-DE-FONDS • SUÍÇA

ESTILÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Pelo Prof. RODRIGUES LAPA

A PRIMEIRA GRAMÁTICA VIVA DO NOSSO IDIOMA

ECOS

O Jardim Zoológico é actualmente um dos melhores recreios de Lisboa, se não o primeiro. De ano para ano, aumenta os seus primores.

Como é possível tamanho êxito?

Deve-se à boa vontade, à inteligência e à devoção das direcções a que preside o sr. dr. Fernando Emídio da Silva, que vota ao lindíssimo parque o amor que faz maravilhas.

Para passar algumas horas sob a sombra suave e fresca dum arvoredo complacente, o lisboeta que gosta de escapar-se ao bulício, á febre e ao tumulto da cidade encontra nele um pequeno paraíso, ainda com a vantagem de perder nele o gosto de pecar.

O novo livro de Vasco Botelho de Amaral, publicado há poucos dias, intitula-se «Meditações críticas sobre a Língua portuguesa». Devem lê-lo atentamente quantos desejem completar e aperfeiçoar o seu conhecimento do idioma pátrio. Recomendamos a sua leitura, mesmo aos que julgam escrever e falar português, embora com a inconsciência das noras, quando chamam.

Existe realmente alguma mulher que possa dizer, com sincera convicção: «Estou cansada de ser bonita?». A beleza feminina, como o Tonel das Danaídas, é insaciável: quer sempre mais aspira sempre a mais. Sómente em casos raríssimos, na conquista da perfeição espiritual, surgem decisões inadiáveis, no peito ulcerado de criaturas que exclamam, desiludidas:

—«Foge de mim, formosura, que me tentas e me cegas!».

Fazemos votos para que Maria Della Costa, caso venha até nós, não se esqueça de trazer consigo o seu espelho e que, mirando-se nele, diga consigo:

—«Não sou tão linda como julgo nem tão leviana que agradeça a Deus as graças que me concedeu. Cuidarei, sobretudo, de velar por mim como lampada em que a treva não toca».

Franz Wielach, austriaco e ostensivamente maniaco, empenhou-se em transcrever, num mesquinho bilhete postal, a história inteira do Antigo Testamento ou sejam trinta e três mil vocabulos latinos, bem contados. Apesar de se empregar como cultivador em Horn, olha, de vez em quando, para além das suas ocupações diárias e pensa em cultivar no azul as suas quimeras. Uma delas está realizada—meter um volume bem cheio, numa folha de cartão que não tem um palmo. Que vantagem alcançou? Tornar conhecido o seu nome.

Em que vai agora ocupar-se?

Provavelmente, em copiar o firmamento numa casca de ovo. Se o conseguir, pode gabar-se de ser o maior criador de cousas inúteis.

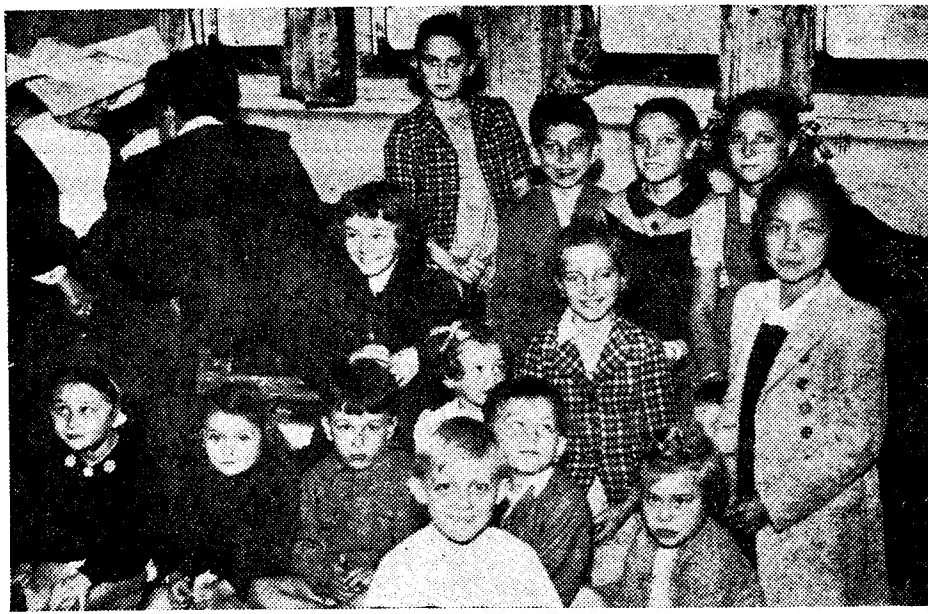
O Grupo dos Amigos de Alcobaça, por intermédio da sua ilustre direcção, reuniu no passado dia 25 de agosto, dirigiu ao sr. presidente da Câmara um ofício no qual chama a sua atenção—1.º para a diminuição dos transportes que quasi isolam Alcobaça do norte e sul do país;—2.º para o estado de ruína em que se encontra a estrada que liga a formosa vila á estação do Valado e á praia da Nazaré.

Pedem-se providências rápidas, porque os prejuizos, que são evidentes e avultados, irão crescendo de mês para mês. Como Alcobaça é um centro muito importante—agrícola, industrial, comercial e turístico—necessita de trabalhar para progredir. Mas—está claro—necessita que não sejam criados obstáculos á sua expansão.

Em que estado ficará a estrada se não for reparada antes do próximo inverno?

RELAÇÕES COMERCIAIS hispano-portuguesas

Os jornais espanhóis informam que o ultimo acordo assinado pela comissão mixta hispano-portuguesa contém decisões especiais acerca das exportações de gado, estanho, madeiras, borracha e outras materias primas e produtos, entre os quais se destacam principalmente os das colónias portuguesas. Da parte de Espanha prevêem-se exportações de pneumáticos, manufacturas de ferro, produtos químicos-farmacêuticos e, especialmente, prestação de transportes marítimos.



Algumas das crianças francesas que escaparam da Indochina antes da invasão japonesa e chegaram hoje a Lisboa

A BORDO DO «COLONIAL»

Chegaram hoje a Lisboa

o governador geral da India

e 40 francezes fugidos da Indochina

Chegou hoje, a bordo do paquete «Colonial» da Companhia Colonial de Navegação, o sr. coronel José Cabral, governador geral da Índia.

A viagem daquele barco durou oito semanas, não porque tivesse havido qualquer incidente, mas porque houve necessidade de fazer escala em diversos portos, para embarque de passageiros, com destino á metrópole.

O ilustre colofial—que durante muitos anos exerceu, com brilho notável, o cargo de governador geral de Moçambique e tomou conta do governo geral da Índia há cerca de oito,

atravessando assim, naquele território longínquo, todo o difícil período da guerra—era aguardado, na Estação Marítima de Alcantara, por pessoas da sua numerosa família, funcionários superiores do Ministério das Colónias, oficiais e amigos pessoais.

No mesmo paquete chegaram 40 francezes que fugiram da Indochina, quando este território foi invadido pelos japoneses.

Os srs. ministro das Colónias e respectivo subsecretário de Estado mandaram apresentar cumprimentos a bordo pelo secretário, sr. D. Caetano de Lencastre (Alcaçovas).

Os teatros e cinemas

devem ser desinfectados como medida higiénica

Não se sabe se por motivo do tempo seco, ou por outras razões especiais, a verdade é que se tem notado ultimamente, não só em Lisboa como na provincia, uma invasão de insectos, entre os quais percevejos, pulgas e outros bicharocos incomodos e até nocivos, como as traças e as baratas.

E' nos locais onde se reúnem habitualmente pessoas em grande numero, como nas casas de espectáculos, recintos de diversões e outros lugares publicos, que mais se tem feito sentir a presença indesejável desses bichinhos que procuram a convivência do homem e gostam de desfrutar do seu conforto. Sabemos que algumas empresas estão a proceder a desinfecções cuidadosas nas suas casas, exemplo que devia ser seguido por todas, para que o publico pudesse frequentar confiadamente esses locais sem correr o perigo de regressar a casa em má companhia. O desinfectante aconselhado pelos técnicos é o gás sianidrico, o unico de resultados eficazes na extinção desses insectos, que se injecta para dentro das casas, previamente calafetadas, dando morte irremediável a todas as bichizas que se possam occultar entre os estofos, as tapeçarias e madeiras.

A falta de condicionamento do ar (as nossas casas de espectáculos, em geral, não são refrigeradas durante o verão) é também uma das razões que contribuem para que os insectos ali se instalem com mais facilidade.

O exemplo dado agora por um cinema de Lisboa, repetimos, devia ser seguido por todos os outros, como medida higiénica indispensável á comodidade do publico.

A situação na Roménia

LONDRES, 29.—Anuncia-se que o governo britânico aceitou o pedido do governo dos Estados Unidos para discutir a solicitação feita pelo rei Miguel da Roménia no sentido de obter a assistência das grandes potencias aliadas para ajudá-lo a formar um governo mais democrático do que o actual.—(U. P.).

Vendeu a sorte grande

e a contemplada não lhe deu alvissaras

A história conta-se em duas linhas e vale a pena contá-la: faltavam 25 minutos para o meio dia e era quinta-feira—véspera de lotaria. Uma senhora de meia idade, bem vestida, appareceu á esquina da rua dos Fanqueiros com a rua da Betesga. A' sua roda, um rapaz não se cansava de gritar:

—Amanhã anda a roda! E' o 18.324!

A senhora tentou-se e comprou um bilhete inteiro:

—150 escudos!

A senhora seguiu o seu caminho e o rapaz continuou a vender o resto das 607 cautelas adquiridas para aquela rodada da lotaria.

No dia seguinte, porém, teve uma surpresa: o 18.324 tinha a talada—e a senhora de meia idade recebia 500 contos! Como ele—o cauteloso Antero Jesus Paiva—não podia, de momento, saltar á Misericórdia, para assistir ao rebater do bilhete, foi lá um seu sócio que conhecia a senhora, porque assistira á venda do 18.324. Apresentou-se, portanto, mas a senhora, talvez porque desconfiasse, não se deu por comovida e disse que era engano, que o bilhete fora comprado por seu marido.

Ora o Antero, que mora na rua Vale de Santo António, 241, loja, é pobre e tem encargos de família. Não seria, portanto, justo que se lembrasse dele a senhora que recebeu 500 contos por seu intermédio?

Foi isto o que o Antero veio dizer-nos e nós demos-lhe razão.

Um tufão assolou

a ilha da Madeira

FUNCHAL, 29.—Cerca das 3 horas da madrugada, súbitas rajadas de vento de grande violência, que duraram mais de um quarto de hora, provocaram grandes estragos em toda a ilha, principalmente nos pontos altos. Muitas arvores de fruto foram derrubadas ou arrancadas pela raiz e as vinhas ficaram destruídas. Também numerosas casas sofreram consideráveis estragos. Muitas pessoas tomadas de pânico saíram para a rua pedindo socorro.—(LUSITANIA).

Cêrca de 10

bene de bons ares de campo e graças á

As crianças do nosso tempo presente estão a gozar de um bem que não pode deixar de ser posto, verdadeiramente, em relevo. Trata-se, nem mais nem menos, do movimento benéfico das colónias de férias—15 ou 20 dias de ar puro, lodado ou de altitude—com um conforto que, se nem sempre é impecável, sempre, sem duvida, ultrapassará em excelência, as condições tristes em que vive a maioria das nossas crianças.

Seria, realmente, interessante historiar um dia este movimento de carinho do homem pela criança, a partir do dia em que as Juntas de Freguesia, sob a égide de António José de Almeida, instalavam, na Cruz Quebrada, um pavilhão onde passavam umas horas por dia, aqueles que, a expensas dos seus, não podiam gozar os benefícios do mar.

Iam ali, tomavam banho, repousavam umas horas e era-lhes servido um lanche. Isto já lá vai há muitos anos. Até que, em 1926, as Juntas de Freguesia, inauguravam uma nova modalidade de colónias de férias: es-



Alguns dias ao ar livre —

tágio absoluto, 20 dias inteiros, passados ao sol e ao bom ar, bem comidos e gozando dos benefícios de instalações higiénicas. S. Julião do Tojal substituiu o barracão desmantelado de Carcavelos e as instalações que haviam, mesmo, funcionado em Belas, á espera de que se resolvessem as dificuldades que estão prestes a desaparecer, para criar uma colónia marítima.

Faz-se já o que é preciso? Quinze ou vinte dias serão bastante para criar á criança uma defesa de doenças?

Os médicos sabem-no e a experiência di-lo: é necessário um mínimo de 30 dias, para retirar benefícios de uma estadia em colónia de férias. Quere dizer: quando a criança, depois de aclimatada, começa a recolher benefícios da sua presença—tem de retirar para Lisboa. Por outro lado, a escolha do local, por causa do clima, também deve merecer cuidados especiais, pois, estando nós sujeitos aos efeitos de um clima marítimo, parece que, na maioria dos casos, o campo—e quanto mais longe melhor—será o clima mais indicado.

O problema é complexo e reveste-se de múltiplos aspectos que nem sempre é possível considerar. Para tanto, naturalmente, falta ás colónias de férias

O racionamento na Holanda

HAIA, 29.—O racionamento do açúcar na Holanda foi elevado de 250 gramas para 400 gramas por quinzena. O racionamento de pão foi aumentado para 2.800 gramas por semana.—(R.).

mil crianças

ficiarão este ano

colónias de férias

um certo apoio oficial, uma monta-
gem da máquina de assistência, capaz
de ir em auxílio das boas-vontades
particulares. Ainda assim, é preciso
destacar, desde já, com todo o relêvo,
o esforço desses todos que, em condi-
ções precárias—às vezes à custa do
próprio bolso—conseguem levar ao go-
zo de férias, nada menos de cerca de
dez mil crianças.

As organizações existentes :

Quem toma, assim, a seu cargo, o sustento
de tanta criança, os cuidados que elas recla-
mam? Vejamos alguns exemplos eloquentes, re-
ferentes às colónias de férias existentes.

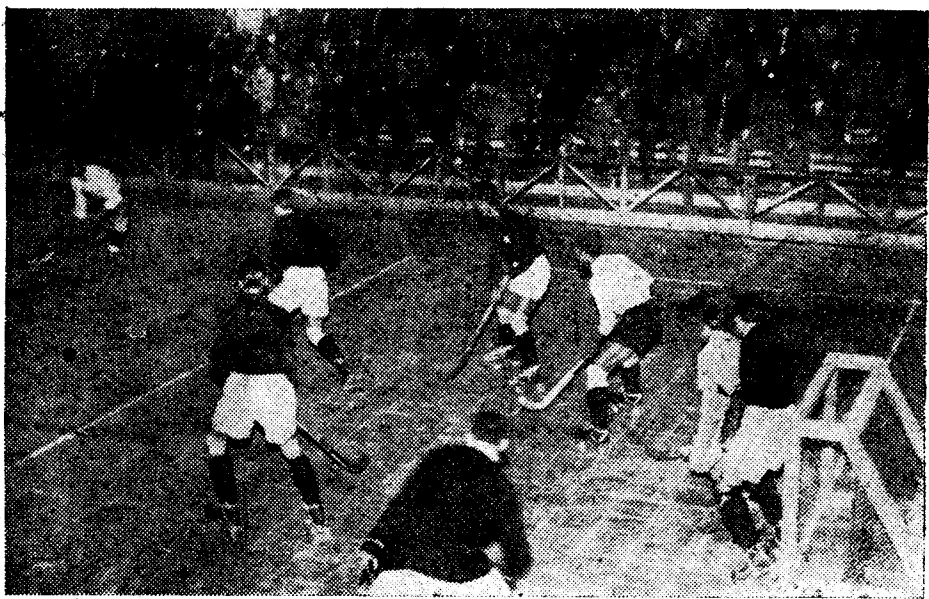
A Liga dos Combatentes da Grande Guerra
mantém, há dez anos, os seus estágios, umas
vezes em Odemira, outras em Paço de Arcos
e Coimbra, com uma frequência de 100 crian-
ças por ano, distribuídas por turnos. Ao todo,
1.000 crianças devem ter beneficiado da sua co-
lónia que, este ano, ficou instalada em condi-
ções definitivas, nas Caldas das Taipas.

A C. P. mantém, perto da Praia das Maças
—no Rodisio—uma colónia que, este ano, be-

(Continua na 2.ª pág.)



recordação para um ano!



Um ataque dos portugueses. Os suíços concentram-se na defesa. Jesus Correia
está atento ao lance: tal como no futebol, ele é um magnífico rematador.

«HOCKEY» EM PATINS

A vitória de Portugal

sobre a Suíça

Grande exibição dos portugueses

Portugueses e suíços disputaram ontem, á
noite, no «rink» do Estádio Mayer, o primeiro
encontro internacional de «hockey» em patins,
depois de terminada a guerra.

O desafio, oitavo que as selecções dos dois
países disputaram desde que estabeleceram re-
lações, proporcionou brilhante vitória da «équi-
pe» portuguesa, não só pelo resultado, expressi-
vo, mas também pela exibição valorosa e entu-
siástica dos nossos representantes.

Na verdade, pode dizer-se que o «team» de
Portugal, venceu e convenceu. Poucas vezes,
mesmo, se poderá ter empregado esta expres-
são com tão grande propriedade.

A luta teve, por isso, motivo de constante
agrado. Passados que foram os primeiros mi-
nutos, durante os quais as duas «equipes» se
mostraram cautelosas, como que estudando as
suas possibilidades e aventurando-se pouco, os
jogadores portugueses, foram, gradualmente,
tomando ascendente, concretizando a sua su-
premacia com a marcação de «goals», e aca-
bando por impôr-se. A acção dos portu-
gueses é tanto mais de realçar quanto é certo
que os jogadores suíços, com apuro e correc-
ção inexcusáveis, mantiveram sempre o melhor
espírito de luta, oferecendo réplica da melhor.

A maior velocidade dos nossos jogadores, a
sua maior «elasticidade» e rapidez de reflexos
pesaram, poderosamente, no excelente trabalho
da «equipe».

* * *

José Prazeres, antigo «internacional», foi feliz

como seleccionador. O grupo que formou, pro-
porcionando o «baptismo» internacional de
Cipriano Santos, Jesus Correia e Manuel Soa-
res deu boa conta de si. Coube, até, a um dos
estrelantes formar com Sidónio o duo dos me-
lhores jogadores no «rink». Um e outro foram
brilhantes e embora o jogador do Paço de
Arcos tenha sido mais fulgurante e despertado,
mais a atenção da assistência, talvez porque
tivesse marcado cinco dos seis «goals» da
«equipe», podemos pôr em primeiro lugar Si-
dónio Serpa, mais regular de principio a fim
e com perfeito conhecimento do lugar.

Olivério Serpa jogou menos do que pode. A
bem dizer não logrou um remate em condições,
limitando-se a tentar com boa vontade fornecer
jogo ao seu companheiro de ataque.

Os jogadores da defesa não foram duramente
postos à prova. Bernardino, sem erros, foi dis-
creto e Cipriano jogou o preciso para inspirar
confiança aos companheiros.

Já no declinar do encontro, Manuel Soares
substituiu, por momentos, Sidónio. Não com-
preendemos a razão da troca, que, quebrou, por
momentos, a toada de nitida superioridade que
a «equipe» impunha então.

O portuense, naturalmente por nervosismo,
teve uma jogada que consideramos infeliz e de
que resultou o ponto de honra dos suíços, aliás,
justa compensação para o seu labor.

* * *

Na «equipe» suíça, o conjunto foi a carac-
terística principal. E, realmente, difícil poder
dizer-se que um jogador tenha sido notoriamen-
te superior aos outros. Ficámos com a impres-
são de que, sem o «handicap» do piso, que aos
suíços desagradou desde a visita ao «rink» e a
surpresa que deve para eles ter constituído a
rapidez dos portugueses, o grupo visitante é
capaz de dar melhor rendimento.

Crosa mostrou-se calmo: o facto de ter sido
batido seis vezes não merece censuras. O de-
fesa Gervaz revelou-se decidido e fez tudo o
que pôde para aliviar o seu meio campo. Mas,
ontem, era difícil vencer os portugueses...

Subsecretário da Assistência

Recolheu hoje a sua casa o sr. dr. Trigo de
Negreiros, subsecretário de Estado da Assis-
tência, que entrou em franca convalescença, seis
dias depois de ter sido operado de apendicite
pelo sr. dr. Rui de Lima, tendo assistido á
operação, entre outros médicos, os srs. drs.
Belo de Moraes e Queiroz.

O sr. dr. Trigo de Negreiros esteve interna-
do na Liga dos Amigos dos Hospitais, onde
recebeu carinhoso tratamento por parte do pes-
soal directivo e de enfermagem. Numerosas pes-
soas de todas as categorias sociais estiveram
ali a informar-se do estado de saúde do ilustre
enfermo, que foi visitado por alguns dos seus
colegas do Governo e por muitas pessoas das
suas relações.

A Simpatia É O Iman
Da Vida

Seja simpático. Ofereça prendas da
Grande Ourivesaria da Moda
257. Rua da Prata (Esq. de Santa Justa).

EM 3 LINHAS

No «Clipper» segue na próxima segunda-feira
para a América o sr. eng. Manuel Bramão,
que ali vai ocupar o cargo de vice-presidente
da Comissão Portuguesa de Compras.

///

No palácio da nossa legação em Berlim, que
foi destruído por um bombardeamento, desa-
pareceram alguns valores artísticos, entre outros,
dois Columbanos, um quadro de Eduardo Mal-
ta e outro de Guilherme Filipe.

///

Quanto polícias civis são necessários para
a segurança de Lisboa? O quadro, eviden-
temente, tem de ser aumentado. A população
cresceu enormemente, e a extensão topográfica
da capital também.

///

Os salões da Sociedade Nacional de Belas
Artes estão tomados para exposições até ao
próximo ano.

///

Continuam suspensas as matrículas nos liceus
em virtude da reforma do ensino secundário
que deve brevemente ser publicada.

///

O locutor Jorge Alves realizou uma entre-
vista com o Presidente Truman, na qual há
agradáveis referências a Portugal, que breve-
mente será projectada no éter.

///

Sai, brevemente, um livro de doutrina e crí-
tica do nosso ilustre colaborador dr. Dias Fer-
reira.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável amanhã em Portugal, se-
gundo a previsão do Serviço Meteorológico do
Exército: Continuação da instabilidade atmos-
férica, com possibilidade de alguns aguaceiros
locais nas zonas Norte e Centro. Vento pre-
dominante NW, moderado a fresco. Tempera-
tura sem grande alteração.

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até
às 16 horas, segundo os registos do Observa-
tório Infante D. Luiz: Máxima, 22,2; Mini-
ma, 14,6. No mesmo dia do ano passado:
Máxima, 31,5; Mínima, 18,5.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Electado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	—	—	994\$
Consolidado 3 % T. 10	1.019\$	1.019\$	1.020\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.063\$	1.062\$	1.063\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	—	1.028\$	1.029\$
Centenários 4 % ...	2.483\$	2.482\$	2.485\$
Obrigs. T. 2 1/2 1942	1.000\$	1.000\$	1.001\$
Obrigs. T. 2 1/2 1943	—	998\$	—
Externas 1.ª série ...	—	1.835\$	1.845\$
Externas 1.ª carimbadas	—	1.800\$	1.820\$
Externas 3.ª série ...	—	1.940\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.920\$
Caut. da 3.ª série s/juro	291\$	291\$	292\$
Ações			
Esp.St.ª e Com.L.ª port.	2.569\$	—	2.569\$
Lisboa e Açores por...	—	976\$	980\$
Ultramarino cp. T. p...	539\$	538\$	539\$
Portugal port. T. p...	1.675\$	1.672\$	1.680\$
Mundial	1.570\$	1.565\$	1.575\$
Agua Lisboa 1934 T.p.	221\$	—	222\$
Cimentos Tejo	570\$	568\$	—
Cimentos Leiria T. p...	1.315\$	1.305\$	1.325\$
Crédito Predial port...	31\$	31\$	31\$
Gás e Electricidade cup.	333\$	333\$	334\$
Alto Alentejo cupão...	642\$	641\$	642\$
Industrial Aliança	422\$	421\$	422\$
Portugal e Colónias ...	347\$	346\$	347\$
Nacional Naveg. T. p...	1.001\$	1.001\$	1.002\$
Colonial Navegação ...	1.282\$	1.280\$	1.285\$
Portug.ª de Pesca T. P.	—	910\$	—
Port.ª de Tabacos cupão	644\$	644\$	645\$
Tabacos Portugal cupão	755\$	750\$	755\$
União Eléctrica Port.ª	703\$	701\$	705\$
Cassequil	1.065\$	1.064\$	1.066\$
Agrícola das Neves ...	—	782\$	795\$
Agricultura Colonial ...	—	497\$	505\$
Açúcar de Angola...	1.888\$	1.887\$	1.888\$
Buzi	206\$	205\$	206\$
Ilha do Principe	—	690\$	700\$
Zambézia T. de 25 ...	115\$	115\$	116\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 %	—	—	545\$
C. P. 6 %	291\$	290\$	292\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	—	301\$

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 25482 RUA DA PRAIA 48

ENGLISH BAR

(Bar Inglês)

Monte Estoril

Estrada Marginal, Frente á estação
Telefone 413 Estoril
Bar Restaurante, Linda vista do Mar
ABERTO TODA A NOITE
Unico proprietario e Gerente
«LUIZ» ex-barman do Estoril Palácio
Hotel

Foram revelados os planos

dum submarino alemão

que podia estar imerso 48 dias

WASHINGTON, 29.—O secretário da
Marinha americano, James Forrestal,
revelou as características de um sub-
marino alemão de grande velocidade,
capaz de ficar imerso 48 dias e de na-
vegar mais rapidamente submerso do
que á superfície. O secretário da Ma-
rinha regressou agora a Washington
da sua viagem de inspecção á Europa.

Descreveu a forma como a Alema-
nha desenvolvera ao máximo a pro-
dução dos submarinos, reduzindo o nu-
mero de motores Diesel e aumentando
a energia eléctrica.

Forrestal acrescentou: «Este subma-
rino era capaz de viajar em imersão
a 18 nós, o que é mais rápido do que
á superfície. Não podia conservar essa
grande velocidade por muito mais
tempo do que uma hora, mas os ale-
mães estavam a desenvolver novos
métodos de propulsão que permitiriam
ainda maiores velocidades sob a água
e por períodos muito mais longos».

Forrestal disse igualmente que os
alemães tinham dado todo o auxílio
técnico e científico ao Japão, «a fim
de nos conservarem a nós o mais
ocupados possível no Pacífico».

Os planos e informações foram man-
dados da Alemanha por submarinos e
às vezes iam também técnicos. Na

Alemanha, Forrestal encontrou técni-
cos que lhe disseram que tinham feito
a viagem ao Japão e regressado de
submarino. Oficiais americanos fala-
ram com a tripulação de um subma-
rino que estivera em patrulha de guer-
ra durante 45 dias, dos quais 41 sub-
mersos.

Outra evolução e desenvolvimento
de que falou Forrestal foi «o torpede-
arlanha ligado ao seu ponto de fogo
por um arame muito fino. O impulso
dado nesse arame controlava o torpe-
do, podendo mudar o seu curso ou ra-
pidez, e podendo mesmo fazê-lo saltar
fora de água como um porco mari-
nho».

Forrestal disse ainda que os alemães
estavam a adaptar, com resultados
surpreendentes, turbinas impulsiona-
das pela energia conseguida quando
as moléculas de hidrogénio se desin-
tegravam, ou seja o principio empre-
gado primeiro nas armas «V».—(R.).

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T27527

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

na Monaco, para ler a temível «Carta» de Zola dirigida a Felix Faure e que tinha, a leiras negras, o título «Y' Accusés». Eu acuso!—Em fevereiro desse ano Zola foi condenado por difamação em Paris no máximo da pena—um ano de prisão e trezentos francos de multa. Eu creio que chorei. Depois o coronel Henry suicidou-se, confessando-se autor da falsificação que levava Dreyfus à Ilha do Diabo. Antes disso, o capitão judeu fora condenado segunda vez em Rennes, por três votos contra dois, em dez anos de prisão, com circunstâncias atenuantes. Eu lia os jornais de Maurras e de Deroulède, que aplaudiam a condenação e aprendi a conhecer então de que certos homens são capazes! Não queriam a revisão do processo Dreyfus estes homens. Não a queriam por princípio nenhum! Mas anos depois, creio que já em 1906, o Supremo Tribunal de Justiça de França, a Cour de Cassation, anulou o segundo julgamento de Rennes e o pobre capitão foi restituído ao exército, à família, à liberdade e à honra! Grande França, grandes homens os que levaram até ao fim esta cruzada pela Justiça! Os homens de agora parecem-me mais pequenos, mais insignificantes, ou mais desmesuradamente trágicos na sua obra de destruição e de maldade. Os tempos são outros. Estão talvez a formar-se novos mitos. Mas os sucessos encadeiam-se, prendem-se, completam-se, têm uma lógica interior que só se vê a distancia de anos, como eu a posso ver agora. E felicito-me por ser velho e poder achar essa lógica, senti-la, tirar dela uma consolação desinteressada. A consolação de ver o triunfo nos factos, de certos valores morais impercíveis. E por acreditar neles que as almas dos homens como eu não sossobram como dizia um velho amigo meu, «na desesperada tristeza dos inadaptados» ou, como digo eu, «num irremediável desespero». E' que os acontecimentos vistos de perto são, ás vezes, alucinantes, dolorosos, monstruosos. Ma dê-se tempo ao tempo. As coisas correm, os factos sucedem-se, inexplicáveis, tumultuosos e de repente tudo se esclarece, tudo se integra numa síntese duma nitidez consoladora e que satisfaz por completo a inteligência e o sentimento—o tal amor que se tem pelos valores que não morrem. Se o Mundo não pudesse, não devesse ter uma interpretação optimista, estou convencido que não precisaria da bomba atómica para acabar. A injustiça e a sem razão são muito mais explosivas do que a energia intra-atómica. E' possível que o Leibniz exagere. Eu, confesso, sem vaidade, se tivesse sido encarregado pelo Demiurg de fazer o Mundo, fazia-o bastante melhor. Mas se o Leibniz exagere, o Schopenhauer também exagerou. Para se obter um bocadinho de Bem são precisas toneladas e toneladas de Mal? Talvez. A Natureza é pouco económica, gasta sem contar na ordem física, como na ordem moral. Mas sempre se tira um bocadinho de rádio de montanhas de minério que o contem como se tira uma luzinha tremula e incerta de justiça, de Himalaias de maldade que são, talvez, a sua condição necessária.

Estão-me lembrando as últimas palavras de Labri, no julgamento de Zola. São estas:

—Dizei, senhores jurados, se para tal tendes coragem, que este homem é culpado, por ter lutado contra todas as paixões, contra todos os odios, contra todas as mentiras, pela Justiça, pelo Direito e pela Liberdade».

E' por estas e por outras que eu gosto da minha terrível profissão.—R. C.

Crítica literária

(Continuação da 5.ª pag.)

vernáculos são estilos pessoais. Isso mesmo se nota na prosa de Dinis da Luz. O certo é, porém, que de onde em onde temo a impressão de estar lendo desses suaves bocadinhos de Bernardes, onde se nos contam episódios gualmente curiosos da vida de varões ilustres. Não obstante as repetições de nomes, o carácter ocasional das referências aos episódios que melhor ilustram a vida dos grandes homens, a verdade é chegarmos ao fim do livro com pena de que ele tenha acabado.

Lendo este livro, somos postos ao corrente do muito que têm de padecer todos aqueles que se consagram ao espirito com amor de verdadeiros seres espirituais. Os sofrimentos de Camões, as misérias de Dostoiévski, os padecimentos de Pasca, as dolorosas contradicções de Rousseau, são outros tantos marcos miliares da existência dos homens que neste mundo têm vivido para a realização superior de um ideal de espirito. O poder não foi para eles, que não procuraram o poder, o fanatismo não esteve com eles, que não procuraram o fanatismo, a paixão do mundo e dos seus prazeres não se albergou nos seus corações, que viveram para a sua obra ou para a realização de ideais que não estavam no mundo mas em si próprios, pois quando o homem ama verdadeiramente o espirito não procura fora de si o que só em si sabe que está. Deus, até Deus, para aqueles que o procuram, não está no Céu, mas no fundo de cada um. Por isso mesmo é falsa a luta pelo espirito quando o que se procura não é espírito, mas o poder.—J. G. S.

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

O relêvo

(Continuação da 4.ª pag.)

Exs.: alargava os braços, beijava a toalha bordada da ara, voltava... (U. P. 46); largas passadas ávidas abalaram o soalho (C. R. 433); régua de ferro na pedra da mesa (R. 305); lenta e quieta palestra sobre ideias e letras (F. M. 212); havia sinaizinhos desvanecidos de antigas bexigas (P. B. 24); o vestigio visível da sua vida magnífica (C. e S. 121); esse aliviado suspiro que trazia a briza vinha das tribus d'Israel, emergindo enfim... (R. 193); um vestido cor de rosa cuja roda toda em folhos (M. 1.º v. 38); toda a maravilhosos frota sossobra (C. 176); angustia soturna, obtusa (M. 1.º v. 27); a sua túnica justa de byssus (R. 323).

17)—Fonias ambíguas.
Exs.: opa rôxa (P. B. 101); longo galho (R. 281); assim sa (C. e S. 238); turba baça (F. M. 115); sofá fácil (M. 2.º v. 186); zelo legal (C. R. 488); torpe pirata (M. 1.º v. 31); torrão rico (C. R. 30); plebe pene (C. e S. 127); rica gota (P. B. 592); jófo veu (R. 325); languida Dona (C. R. 232); carro clia (P. B. 471); yaga rala (C. R. 508); lebre grella (C. 201); chá cheio (P. B. 464); galochas anchas (R. 218); feio feito (C. R. 349); Era Eva (C. 184); remoto rumor (C. R. 511); sumiço assim (C. 22 e M. 2.º v. 398); fosse á força (M. 1.º v. 170); frente á festa (C. R. 508); a nova viera no vento (U. P. 167); minha tili tinha (R. 93); chufas, sujas injurias (C. R. 482); sei-zinho cheio de seiva (R. 245). Este ultimo caso faz recordar o exemplo clássico da lingua francesa: «Ciel si ceci se sait...».

18)—Termos justapostos ligados por rima toante ou rima consoante.

Exs.: dentre os dentes (C. 250); duras ruas (P. B. 190); amargos agravos (C. R. 509); riço perigo (C. R. 432); espessa mecha (C. R. 473); trote forte (R. 8); suspiros líricos (P. B. 164); corrente barrenta (Mm. 80); encanto picante (?); ou então: cabras magras (C. R. 383); vento lento (C. 173); hora criadora (C. 199); figuras escuras (C. e S. 364); belos cabelos (C.

e S. 348); bravo covo (M. 2.º v. 464); enormes, disformes, descarnadas, desconjuntadas, esfolhadas (E. 296); e ainda: pé do coupé (M. 1.º v. 201); cama da ana (?); clarão de razão (M. 1.º v. 62); janelá dela (M. 1.º v. 34) etc.

* * *

Com todos os exemplos atrás referidos, quisemos mostrar até que ponto o requintado artista trabalhava a prosa «conseguindo atingir pela palavra o máximo de tensão expressional» (J. Chagas). Valorizou fórmulas verbais que utilizadas por qualquer plúmítico sofreriam a crítica desfavorável do leitor menos exigente. Já Brunetière há sessenta e seis anos via sintomas ou características de decadência literária na «excessiva preocupação da forma, na busca dos ritmos bizarras, dos jogos de palavras, da aliteração pueril» (*Études critiques sur l'histoire de la littérature française* (1.º vol., pag. 45). Mas já então lhe poderíamos responder com a concepção estética de E. de Q. que não duvidou lançar mão desses recursos decadentes para vivificar o seu estilo admirável. As próprias cacofonias do genial escritor deixam de corresponder a vícios de elocução pelo emprêgo intencional que as anima—e até das expressões condenadas pela estilística (assonancias, consonancias, repetições fonéticas, etc.) Eca sabia extrair, incluindo-as no ritmo da sua prosa, novos motivos de harmonia imitativa.

(Continua no próximo numero).

P. M. G.

PROFESSOR RODRIGUES LAPA
ESTILÍSTICA DA
LÍNGUA PORTUGUESA

NOVIDADES LITERARIAS

Edições GAMA apresentam:

Meditações críticas sobre a Língua Portuguesa

Estudos de Estética e Psicologia da Linguagem. Problemas da Moral do Estilo. Personalidade do Idioma Português
pelo prof. VASCO BOTELHO DE AMARAL

Esc. 30\$00

Uma justiceira réplica ao prof. ABEL SALAZAR

O Problema da Europa

(Fim de um Mundo e principio de Outro).

pelo DR. J. S. DA SILVA DIAS

Esc. 20\$00



TOPÁZIO

Suas altas realizações modernas e originais, de pulseiras em ouro pálido e género mourisco. Procure nos joalheiros

"As Grandes Crises do Homem",

pelo dr. Luiz Cebola



DR. LUIZ CEBOLA

Livro de temas sobranceiros, como um ideário do mestre, o volume que o dr. Luiz Cebola, ilustre psiquiatra, acaba de dar à publicidade revela-nos a sua poderosa visão cíclica da Humanidade, da grei predestinada e sofredora que, eternamente vencedora e vencida, se debate com os seus signos inelutáveis. Nas páginas de «As Grandes Crises do Homem», editadas pela Empresa Nacional de Publicidade, palpam conceitos, imagens, impressões de poeta, filósofo e sábio—do autor que as elaborou com prodigioso poder de interpretação, relanceando as suas pupilas de descobridor da velha odisséia humana, através das etapas dramáticas da luta e da derrota ou das apoteoses frenéticas do triunfo. Mas, sempre, a atenção do leitor é conduzida a amarga verificação de que será inevitável topar perto do Capitólio o enxovalho final da Rocha Tarpeia...

Estudo abarcando todo o horizonte da existência humana ao longo dos séculos que ela tem vivido, o novo trabalho do dr. Luiz Cebola observa e decompõe as acções e reacções, os complexos e reflexos da conduta e do modo de ser do mais infatigável dos bipedes, relacionando-os com os passos da lei de transformação e evolução dos seres e das coisas, para os ver encadeados na ronda de destinos que, alternadamente, hão de ter a vitória e o declínio, triunfadores de hoje, derrotados de amanhã.

Condicional assim, a um fatalismo cíclico, a marcha do Homem ser sempre contingente das grandes convulsões, por entre as quais ele gozará os prestígios da grandeza para depois se descompensar nos infortúnios da decadência. Irresistivelmente sujeito a essa periodicidade de expansão e de retração, terá ele de contar com a porção de fados inexoráveis que caracterizam as suas crises. E neste decurso ondulatório do seu caminhar ao longo dos tempos não lhe ficarão memórias diversas, porque, sempre, afinal, revendo-as na sua cronica verdadeira, as encontrará iguais no determinismo ecuménico das suas condições.

Assim, também, o autor deste livro bem cebrado se documentou na História e na Ciência quanto ao que da tarefa humana elas lhe poderiam dizer de concludente para o reforço da sua tese.

Os passos que em «As Grandes Crises do Homem» são consagrados ao complexo ideológico do misticismo, á psique e ao super-homem de todos os tempos, traduzem superiores qualidades de síntese e crítica filosófica, as quais, só por si, dariam categoria avultada ao dr. Luiz Cebola que, no entanto, se eleva ainda a belveres perdidos nas verdades estratoferrás do labor mental, ao firmar outros asserções e verificações do seu notabilíssimo ensaio de psicopatologia individual e colectiva. Obra de ilacções surpreendentes, mas corroboráveis, o tomo em referência está destinado a acreditar-se como um êxito da literatura de ideias, tão pouco de registrar-se na vida editorial portuguesa onde, em geral, as páginas que pensam não passam de tentames de autores que pensam que pensam...

S. V.

ARDEU O MATERIAL
duma companhia de circo

BEJA, 27.—No vagão dum comboio de mercadorias, entre as estações de Vila Nova da Baronia e Alvitto, manifestou-se um violento incêndio provocado pelas faulhas da locomotiva.

O material da companhia de circo «Dramática Lisboense», que seguia nesse vagão ardeu quasi todo, assim como uma caixa que continha todos os fundos da companhia, cerca de 17 mil escudos.

As chamas foram dominadas na estação de Vila Nova da Baronia por populares que acorreram ao chamamento dos sinos a rebate.

Os artistas da companhia ficaram numa situação desesperada, pois os prejuizos não estão cobertos pelo seguro.

Aí Os Meus Pobres Pés!

Evite sofrer por mais tempo

Quando os seus pés estiverem inchados de fadiga dê-lhes um banho de Saltratos Rodel. Uma pequena quantidade, destes conhecidíssimos sais, dissolvida em água quente, o que baste para esta tomar oporência leitosa, desinflama-lhe os pés e o oxigénio libertado dos sais revivifica os tecidos fatigados. Amolecem as calosidades. Os calos podem arrancar-se com raiz e tudo.

SALTRATOS RODEL

A venda em todas as farmácias e drogarias, ao preço de 5\$00, 10\$50 e 16\$00. Depósito: Rua da Assunção, 88, 2.ª — LISBOA

UMA OBRA QUE ESTÁ a pedir tapume

Há uma determinação camarária que obriga a colocar tapumes nas fachadas de prédios sujeitos a picareta, para levantamento de barro, cal e calça. Quem, porém, passe diante das obras que estão a fazer-se, presentemente, no exterior do edifício do Banco de Portugal sofre, além de um desmentido à determinação camarária, as respectivas consequências, isto é, uma onda de pó e terra que se entranha nos olhos e nos fatos.

Em geral, para qualquer pequena obra, torna-se imprescindível o levantamento do tapume. Ali, talvez, porque a obra tem maiores proporções, para evitar complicações técnicas ou razão equivalente, prescindiu-se do tapume, não obstante serem mais sérias as consequências. De facto, todos os dias nos chegamos queixas a que não podemos dar outro remédio que não seja este mesmo de lhes dar guarida.

O NOVO ANO LECTIVO

Na secretaria da Escola Comercial da «Voz do Operário» estão abertas, a partir de 1 de setembro, matrículas para antigos e novos alunos. A secretaria funciona das 9 e 30 às 13 e das 14 às 17 horas excepto ao sábado, que é apenas até às 13 horas.

PUBLICAÇÕES

«Grande Enciclopédia portuguesa e brasileira»

Apareceu mais o 146.º fascículo da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», recheado de uteis e curiosos artigos. Neste fascículo termina a biografia do «Infante D. Henrique» e, na sua ordem, são tratados importantes assuntos, tais como: «Henriques» (biog.), «Heraldica», «Herborização», «Herculano» («Alexandre»), «Hércules», «Hereditariedade», «Heresia», «Hermatoditismo», «Hérnia», «Hetero», «Cromosoma», etc. proficentemente tratados pelos técnicos especializados e publicistas: professores Mendes Correia, Celestino da Costa, Barahona Fernandes, João de Vasconcelos, Peres de Carvalho, drs. Fernandes Lopes, Carlos de Passos, Manuel Valadares, Barros Bernardo, António Sérgio, Julio Gonçalves, Pedro Godinho, Henrique Nunes Soares e Otero Ferreira, e padre Miguel de Oliveira, António Machado de Faria, Eduardo Moreira, Manuel Mendes, coronel Ribeiro de Almeida, eng.º Basto Neves, etc., etc.

LEIAM HOJE



NOITE DE VARIEDADES no Casino Estoril

Mais um grande festival que está despertando enorme interesse, pelos valiosos elementos que formam o seu conjunto, se realiza hoje, à noite, a seguir ao cinema, no salão restaurante do Casino Estoril.

Os artistas que nesta festa tomam parte dão-nos a certeza do seu sucesso: a grande vedeta de baile espanhol, nos seus bailados castiços, de rara arte e sensibilidade artística, Araceli Coral, do elenco da companhia do Teatro Maria Vitória, idolo do nosso publico; as irmãs Tavares, que estão filmando no filme português «Ladrão, precisa-se», um deveras notável e admirável conjunto vocal; Settimelli, um belo tenor, de admirável voz; e Fernando Oliveira, muito apreciado cantor de rádio, nas suas melhores canções—todos irão deliciar a assistência selecta do Casino, com os seus melhores numeros do seu largo repertorio.

Vamos ter assim, no Casino Estoril, uma noite de festa artística, num variado conjunto e que a todos proporcionará uma bela noite.

A apresentação do espectáculo e dos seus numeros é feita pelo apreciado locutor da rádio, Miguel Simões, que aproveitará a ocasião, para contar algumas das suas interessantes anedotas e varias das suas melhores imitações.

MARVIN

E' ANTI-MAGNETICO

A marca de maior expansão mundial

A venda em todas as relojoarias e ourivesarias

POR SER O MELHOR ENTRE OS BONS

Confrontem qualidade e preço



Adriano Victor Fernandes Videira

FALECEU

Palmira Godinho Fernandes, Manuel José Godinho Fernandes, Renato Aurelio Godinho Fernandes, Maria do Céu Figueiredo Pereira Ramos Fernandes e filho Francisco Fernandes Videira, sua mulher e filhos (ausentes), José Fernandes Videira, sua mulher e filhos (ausentes), e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu chorado marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio, primo e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 1 horas, da Rua Cidade Manchester, 42, r/c, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO



Adriano Fernandes

FALECEU

Palmira Godinho Fernandes, Manuel José Godinho Fernandes e Renato Aurelio Godinho Fernandes cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu querido marido e pai e que o seu funeral se realiza amanhã, às 16 horas, da Rua Cidade Manchester, 42, r/c, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

CUIDADO

COM O TIFO!

Com águas duvidosas!

Com águas de nascentes superficiais, que o seu caudal está quasi sêco!

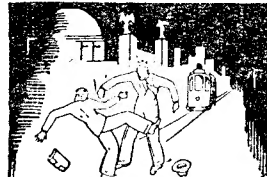
Uma água de nascente superficial é sempre uma água duvidosa!

Para evitar o **TIFO** — Beba **ÁGUA DE LUSO** que é vendida ao público há 70 anos, em garrações com rótulo amarelo, e em garrafas com marca registada, pois esta é a única **ÁGUA DE LUSO**.

Cuidado com confusões!



Os ruidos, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados



Quando os nervos estão irritados a minima questão resolve-se com violencia



As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso provocando insónia



Quem tem sido forte não pode nem deve condenar os seus músculos a uma permanente inactividade



Nervosos! Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo. Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memoria, da sua excitabilidade. Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

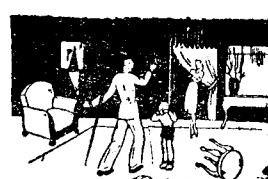
Depois de um breve tratamento com 4 comprimidos diários, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilibrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos.

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



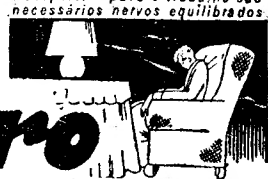
Os desgostos familiares são muitas vezes resultantes do desequilibrio dos nervos



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos



O equilibrio físico está ligado à integridade funcional do cérebro. Para o desporto e para o trabalho são necessários nervos equilibrados



A enfermidade, o cansaço ou o abatimento podem vencer-se alimentando intensamente o sistema nervoso

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

UMA BURLA DE 30 CONTOS—Foi enviada à Polícia do Porto, pela P. I. C. de Lisboa, António da Silva Rego Finório, que dali se ausentou depois de ter praticado várias burlas. Entre elas, figura uma de 30 contos de que foi vítima Anselmo de Matos, residente em Lisboa, que lhe entregou aquela importância para a compra de material eléctrico.

FALSOS NEGOCIANTES DE JOIAS—A P. I. C. tem conhecimento de que vários vigaristas passaram agora a burlar diversas pessoas fazendo-se passar por negociantes de joias. Uma senhora da avenida Almirante Reis foi burlada em 14 contos.

FURTO DE CANALIZAÇÃO—Foram presos pela P. S. P. José Francisco Baptista Monteiro, Jerónimo Pires Soares e Hermínio Barreiros Brás, por serem os autores do furto de todas as canalizações existentes no n.º 162 do Campo de Santa Clara, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Os delinquentes declararam ter vendido o chumbo furtado em determinado estabelecimento de ferro-velho.

CHEQUE VICIADO—A P. S. P. prendeu José Simões, acusado pelo sr. António Rodrigues de lhe ter proposto a venda de cimento, alegando que o pagamento lhe convinha por meio de cheque. O sr. António Rodrigues suspeitou que o detido tenha conhecimento de um cheque que passou no dia 15 do corrente, a determinado indivíduo, no valor de 110\$00, cheque que viciaram depois, levantando assim a importância de 16.000\$00.

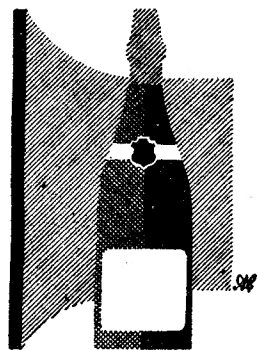
FURTO DE OBJECTOS DE PRATA—Foi presa pela P. S. P. Lucília de Jesus Ferreira, de 35 anos, criada de servir, por ser acusada por Henrique de Araújo Sena de lhe ter furtado vários talheres de prata no valor de 5.000\$00.

Afogado num tanque do Jardim Colonial

Quando hoje tomava banho num tanque do Jardim Colonial, morreu afogado um rapaz, cuja identidade se desconhece e que aparenta 13 anos de idade.

O corpo foi retirado pelos Sapadores Bombeiros e recolhido à Morgue, depois de ter passado pelo Hospital de S. José.

Durante os trabalhos de salvamento, o bombeiro João de Almeida, de 26 anos, ficou ferido, pelo que foi também conduzido ao hospital, donde seguiu para casa, depois de tratado.



B.B.A.
Monte Serres
O VINHO BRANCO QUE FAZ
A VIDA-COR DE ROSA

PRODUTORES
J. CAMILO ALVES, LDA
BUCELAS - PORTUGAL

SEMPRE

que lhe surja qualquer dificuldade de ordem técnica, tanto em Rádio como em Electricidade,

SEMPRE

que necessite adquirir material eléctrico de qualquer espécie, dirija-se a

ELECTRO-LISBOA, L. DA

Será atendido por pessoal devidamente habilitado, que lhe dará todas as indicações.

Cabos, fios de todos os tipos, lâmpadas de todas as voltagens, etc., etc.

Revendedores gerais da
LAMPADA LUMIAR

Descontos a revendedores

Rua Augusta, 246, 248—Tel. 20568

Precisa de um bom alimento fortificante, agradabilíssimo e fácil de preparar?

A «FARINHA 33»

satisfaz todos os requisitos.
Vende-se em toda a parte

Duelos políticos

(Continuação da 1.ª pag)

recebia-o, enfim, deferentemente. Estava, todavia, tão rouco, que os sanatórios da Madeira nunca se fizeram!

O caso transpirou. Enquanto o «Correio da Noite» procurava safar o patrono das contingências da angina, sem dúvida, de uma indiscutível oportunidade diplomática, as «Novidades», após a solução do incidente, pela pena de Barbosa Colen, insistia, com toda a malícia, pretendendo, o que era habil, passar um atestado de invalidez ministerial a José Luciano. Mero efeito político, porque o patriotismo do jornalista sobrepujava quaisquer críticas.

Morto Navarro, Barbosa Colen era, nas «Novidades», a mais bela folha política do tempo—o seu natural herdeiro. Os dois haviam fundado o famoso vespertino—e agora, por indicação expressa da família do falecido, aquele ascendia à sua direcção. Devia-lhe muito Barbosa Colen, sobretudo uma camaradagem de longos e exaustivos anos de labor comum. Fora Navarro quem, um belo dia, passando pela Figueira, no regresso da celebre excursão à Serra da Estrela, que lhe dera um curioso livro, o convidara a ingressar na imprensa lisboeta. Notára-lhe os artigos no «Distrito da Guarda», caracterizados por um estilo incisivo, nervoso, envolvendo uma argumentação implacável, nos quais perpassavam a lógica e a clareza dos franceses, cujo sangue, de resto, lhe corria nas veias. Ali estava, pois, o homem de confiança, o inspirador constante e, sem dúvida, também algumas vezes, o moderador da sua agreste e ativa rigidez. Não teve, o jornal, de início, uma grande projecção no publico. Aliás as tiragens jornalísticas da época limitavam-se, apenas, a corte, ao Chiado, aos membros das duas assembleias legislativas, e pouco mais.

Barbosa Colen soube dar ao jornal um impulso decisivo. Enquanto Emídio Navarro, em mangas de camisa, escrevia com um estadiolho os seus virulentos artigos de fundo; o seu chefe de redacção metia-se, surtamente, num comboio para o Porto, onde colhia ainda vivas e sangrentas as primeiras impressões da revolução do 31 de janeiro, ou, então, em series folhetinescas, numa atmosfera de mistério e escândalo passionai, explorava o casamento simulado de Luz Soriano. Era Lisboa em camisa, derreada pelo romantismo! Foi, então, que as «Novidades» subiram, às mansardas e quartos andares da Baixa, decorados, nostalgicamente, de nespereiras anémicas. Depois, foi o exito. Melo Barreto, José Sarmiento, Raul Brandão, Amadeu de Freitas passaram por ali, tomando caminhos divergentes e ascensionais.

Emídio Navarro e Barbosa Colen, embora diferentes, completavam-se, no que podemos chamar este ser vivo que se chama um jornal. O primeiro, sanguíneo, volupcioso, impulsivo, de ombros quadrados, gargalhadas sonoras e brusquidões rispidas de carácter, capaz de escrever dois artigos ao mesmo tempo, disputando e ganhando uma partida de xadrez, dava-se, maravilhosamente, com Barbosa Colen, o oposto físico, baixo, anafado, lunetas claras através das quais filtrava um raio júbilo de bonomia e tolerância. A redacção das «Novidades» convertia-se numa rugidosa jaula de leões. O lustre da loja em baixo estremecia. Quando Navarro foi ministro das Obras Publicas e mais tarde representou Portugal em Paris, confiou-lhe o seu lugar nas «Novidades». De tal maneira as duas penas se confundiam, que era impossível distinguí-las, ao taxado de ouro e afiado como um bisturi, que os inimigos temiam. Uma vez embebida nas anazarcas da vaidade ou nas gangrenas da coisa publica, só manchadas de sangue era possível arranca-las! Ao ocorrer o curioso e pitoresco incidente com o ministro da Alemanha estavam ainda quentes as cinzas do grande jornalista. Nas «Novidades», o seu sucessor fazia o que ele denominava, enternecidamente, uma campanha de gratidão à memória do mestre. Que ninguém a profanasse! Sabia como ele morrera, envenenado de ingratidão, desavindo com a realza que lhe negara os arminhos de par do reino. Os grandes homens têm, por vezes, g-otescas inferioridades.

Não quiseram Garrett e Camilo aviscondar-se, apesar das críticas, e até dichotes com que profligaram a monomania nobiliárquica da época? Pois Navarro, que não precisava desse galardão palatino para ser o que foi, extinguiu-se com esse punhal a sangrar na sua doentia ambição. Dizia-se que fora D. Amelia quem se opusera à sua entrada na Camara Alta, detendo a mão de D. Carlos no momento da assinatura. Barbosa Colen como que escrevia com a mesma tinta do mestre—que não secara ainda. Atacava o paço e alvejara os arraiais progressistas com sueltos subit, revelando todos os segredos políticos e antecipando o noticiário oficial. Donde provinha tão rico contingente de informações?

Ora o caso sucedido com o barão de Kemnitz prestava-se, na verdade, a um comentário, se não acidulado, pelo menos melifluo. Foi o que fez. Saltou-lhe, porém, à estacada, Lourenço Caiola, no «Jornal da Manhã». O artigo, intitulado, *Sistema de blague*, não continha materia ofensiva. Ligeiramente caustico, apontava às «Novidades» varias noticias que reputava eivadas de maliciosa fantasia. O pior, porém, é que, nos primeiros periodos, havia uma referencia, aliás lisonjeira, a Emídio Navarro. Barbosa Colen devia-se ter inteirado do ataque, sentado á se-

cretária do mestre, aquela mesa estreita, de pau santo, onde tantas vezes o vira, corpulento e truculento, testa imperiosa, olhos chispantes de colera, guias de bigode ligeiramente caídas, recostado naquela cadeira, que ele ocupava agora, premindo, com nervosismo, a campainha que pendia do lado direito. O Chiado em baixo, estava velado por uns cortinados de tule branco, e quem passasse a altas horas da noite veria aquelas duas janelas iluminadas a gás. Era uma secretária, quasi sem papeis, nitida, ordenada, estrita. Em frente, dois sofás, onde se tramavam os conciliabulos da politica e se lavravam as penas capitais dos adversários.

Era brandindo a majestosa pena de Navarro que reptava, decididamente, o adversário, num artigo «Em causa própria... Ajuste de contas», fumegante de violencia, em que os argumentos alternavam com os doestos.

Nomearam-se as testemunhas, Antonio Ferreira Pais Cabral do Amaral e Antonio Teles de Vasconcelos, representavam o articulista do «Jornal da Manhã»; e os dres. João Arroio e João Pinto dos Santos, o director das «Novidades». Os padrinhos do primeiro, como ele era oficial, defendiam o emprego do sabre—que só era obrigatorio nos encontros entre militares. Por fim, escolheu-se, de comum acôrdo, a espada (épée de combat).

O duelo realizou-se no dia 10 de novembro de 1905, na estrada da Ameixoeira, á uma hora da tarde.

Barbosa Colen, que se bateu quatro vezes, era, pôde dizer-se, um veterano dos campos da honra.

Is decidido, embora Lourenço Caiola, pela profissão marcial e superioridade de estatura, o devesse dominar. Os medicos agouravam mal do encontro. Um deles, Ricardo Jorge, de barbi-cha judaica, olculos cintilantes, munira-se, convenientemente, de um arsenal clinico, no qual não faltavam ligaduras de gase e rôlos de espadrapo.

Houve, apenas, um assalto—felizmente. Barbosa Colen, logo no primeiro passe de armas, parou a lamina do adversário, e, caindo a fundo, feriu-o na coxa direita. Um pouco mais acima, no abdomen, e seria grave. Os medicos já sabiam o que tinham a fazer naquelas circunstancias: suspenderam a pendencia, emquanto as testemunhas lavravam a ultima acta, declarando que os dois adversários se tinham batido com inextinguível valentia. E assim foi, de facto.

Então, aqueles dois homens que se haviam digladiado cruelmente avançaram, num impeto irreprimivel, para o meio do campo, estendendo varonilmente as mãos. Reconciliaram-se sem guardar ressentimento. E' que nos dois ardia a mesma chama de bondade.

Barbosa Colen, ao regressar a casa, com as calças rasgadas pelo seu impeto de duelista, encontrou a cama preparada para o que desse e viesse, e dois medicos chamados de urgencia. Riu-se com gosto e, na mesma tarde, nas suas queridas «Novidades», voltava a examinar, nos casos do dia, a manhosas angina diplomatica de José Luciano, que fizera adiar de dois dias a solene entrevista do ministro da Alemanha.

Dos três, afinal, fora o «Senhor dos Navegantes» o unico que vencerá!

ARTUR PORTELA

A COMIDA PASSOU A SER APETECIDA!



Desapareceram as minhas dores de estômago

Pode comer o que lhe apetecer sem receio de perturbações digestivas, desde que tome Magnesia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnesia Bisurada libertam o estômago do excesso de acidez, freqüentemente causa de eructações, sensação de fogo, flatulência e outros incômodos de ordem gástrica.

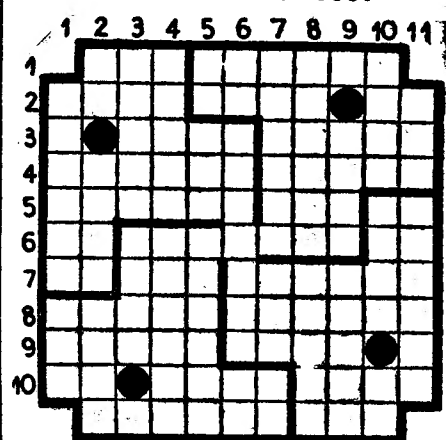
DIGESTÃO ASSEGURADA com

MAGNÉSIA BISURADA

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 16\$00 e 23\$00.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1067



HORIZONTAIS—1—Coloquei. Conjunto das abelhas de uma colmeia. 2—Trave. Nome do sinal de adição. Além. 3—Ligum. Relativo ao Direito Civil. 4—Tirauzel. Amacia. 5—Andaime suspenso por cordas. Chefe etiope. Oferece. 6—Lingua que outrora se falava em França. Pegara com grude. Prefixo de negação. 7—Sadia. Rente. Encanto. 8—Cumpre. Soldados argelinos ao serviço da França. 9—Abolir. Nojo. 10—Gemido. Nascido. Epocas. 11—Espécie de choupo (pl.). Nocivo.

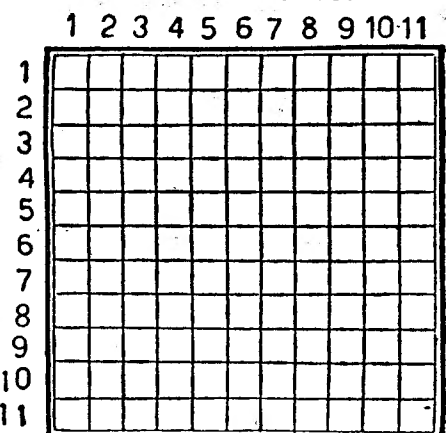
VERTICAIS—1—Honrados. Falda. 2—Uten-silio doméstico. Quadrupede roedor da América. Rio do distrito de Portalegre cuja ponte liga Portugal à Espanha. 3—Localidade italiana da provincia de Campobasso. Grande. 4—Próprio de velhice. Expansão terminal do nervo óptico onde se formam as imagens. 5—Preposição. Estime. Empregaram. 6—Em a. Minudência. Piedade. 7—Chávena. Despidos. Artigo (pl.). 8—Albergar. Prendam com laço. 9—Põe o visto em. Cidade alentejana. 10—Pronome pessoal. Divino. Simbolo químico do ouro. 11—Fileira. Que têm muitos anos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1066

HORIZONTAIS—1—Ergómetro. 2—Grou. Eira. 3—Rail. Sim. Joab. 4—Essa. Ato. Ossos. 5—Samarra. 6—Nervo. Coral. 7—Soutelo. 8—Ovas. Cal. Fado. 9—Oiro. Olá. Umas. 10—Dará. Sala. 11—Serventia.

VERTICAIS—1—Greenwood. 2—Eras. Vias. 3—Rois. Srs. Arre. 4—Gula. Avo. Soar. 5—Sanouco. 6—Moita. Talhe. 7—Morcela. 8—Tejo. Rol. Fust. 9—Rios. Aro. Amaí. 10—Oras. Dala. 11—Abominosa.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 144



HORIZONTAIS—1—Artigo definido. Tambores de cavalaria. 2—Figura da revolução francesa, que foi assassinada por Carlota Corday. Lance fora de si. 3—Antiga medida de comprimento equivalente a 2m,2 (pl.). Somar. 4—Em partes iguais. Filas. Vasia. 5—Aniteira. Novica (inv.º). 6—Garra. Tritura com os dentes. 7—Homem muito esperto. Salgueiral. 8—Joelro. Meditara. 9—Brinca. Palco. Batráquio. 10—Acre. Pronome indefinido. 11—Pessoa muito parecida com outra. Planta liliacea.

VERTICAIS—1—As duas. Brisas. 2—Cura. Derradeiro. 3—O sol entre os egipcios antigos. Cordeiro. Campeão. 4—Mesquinho. Acreditei. 5—Estado mediterrânico. Asa. 6—Cloreto de sódio. Carta de jogar. 7—Nome duma letra. Rangifer. 8—Patroa. Além disso. Aqui. 9—Praia italiana. Ergueram. 10—Relativa á moral. Lavrada. 11—Salamandra. Preposição e artigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 143



15 SETEMBRO
Excursão 1.ª classe
MADRID-ZARAGOZA-BARCELONA-VALENCIA
Grata-se passap. coleç.
É uma realização da REYNA & C.ª LDA
peça programas
Avenida Presidente Wilson, 111
e Maison S. Joseph, Rua Augusta, 175

Entrou na baía de Tóquio

o couraçado «Missouri» a bordo do qual será assinada a capitulação

COM O ALMIRANTE HALSEY NA BAIÁ DE TÓQUIO, 29.—O couraçado norte-americano «Missouri», com o almirante Halsey a bordo, entrou hoje às 7 horas da manhã, hora japonesa, na baía de Tóquio.

E' a bordo desse navio que será assinada a rendição formal do Japão no próximo dia 2 de setembro.

Apenas o «Missouri» entrou na baía de Tóquio, milhares de fuzileiros navais norte-americanos e ingleses partiram dos seus barcos de guerra em barcas e desembarcaram em três pequenas ilhas, situadas ao largo da base naval de Yokosuka, as quais haviam sido transformadas pelos japoneses em poderosas fortalezas e que foram ocupadas pelas forças anglo-americanas de marinha.

O «Missouri», escoltado por três contratorpedeiros, foi o primeiro dos couraçados da grande armada comandada pelo almirante Halsey a passar da baía de Sagami, através do estreito de Uraga, para a baía de Tóquio.

Há dois dias que a esquadra do almirante Halsey estava ancorada na baía de Sagami, 30 milhas ao sul de Tóquio.—U. P.

O defensor de Corregidor assistirá à cerimónia da rendição

MANILA, 29.—O general MacArthur, comandante supremo das Forças Aliadas do Pacífico, convidou o tenente-general Jonathan Wainwright, «o defensor da ilha de Corregidor», que chegou ontem a Chung-King, a assistir à cerimónia da capitulação formal dos japoneses. O tenente-general Wainwright foi recentemente libertado de um campo de concentração japonês.—(Reuter).

Os primeiros desembarques começarão amanhã de manhã

COM AS TROPAS ALIADAS DE OCUPAÇÃO, 29.—Anuncia-se, oficialmente, que os primeiros desembarques das grandes contingentes de tropas aliadas aerotransportadas, destinadas à ocupação do Japão, principiam, às 6 horas da manhã de quinta-feira, tempo de Tóquio, no aeródromo de Atsugi.—(U. P.).

Nimitz chegou a Tóquio

GUAM, 29.—Anuncia-se que o almirante Chester Nimitz, que comanda a esquadra norte-americana do Pacífico, chegou esta manhã à área de Tóquio, de avião.—(U. P.).

A concentração naval em águas japonesas

GUAM, 29.—As águas territoriais do Japão estão a chegar mais barcos de guerra norte-americanos, britânicos, holandeses e australianos, que vão reforçar a poderosa esquadra aliada que se encontra já nas águas territoriais japonesas.—(U. P.).

Os japoneses estão a tratar os americanos com todo o respeito e cortesia

MANILA, 29.—As tropas aliadas de ocupação que ontem desceram no aeródromo japonês de Atsugi, a 30 quilómetros de Tóquio, informaram esta manhã pela T. S. F. que aquele aeródromo se encontrava em excelentes condições com pistas em cimento armado para uso de automóveis e áreas com parques destinados à recolha dos mesmos. Acrescentaram que se encontravam já concluídos os trabalhos de adaptação daquele aeródromo, onde às primeiras horas de amanhã, quinta-feira, começarão a descer centenas de aeroplanos de transporte, conduzindo muitos milhares de soldados aliados que vêm ocupar a área de Tóquio.

Durante todo o dia de ontem sobrevoaram o aeródromo de Atsugi numerosos aviões da Armada dos Estados Unidos, a fim de verificarem se tudo estava a decorrer como fôra previsto e se havia qualquer novidade. Muitos dos aviões norte-americanos chegaram a sobrevoar o aeródromo japonês a menos de 15 metros de altura.

No aeródromo de Atsugi os japoneses têm tratado com todo o respeito e cortesia os americanos que ali desce-

ram. Durante o dia de ontem serviram-lhes numerosas e bem preparadas refeições e cumprem com a maior prontidão as ordens dadas pelos norte-americanos.—(U. P.).

As tropas australianas ocuparão a zona ao sul das Filipinas

CANBERRA, 29.—O Primeiro ministro da Austrália, Joseph Chifley, declarou hoje na Câmara dos Representantes que, logo que o documento da capitulação seja assinado pelos japoneses, a zona do Pacífico ao sul das Filipinas passará a ser ocupada por tropas australianas. A Austrália concordou em aceitar a responsabilidade da administração inicial da ilha de Borneo, onde se encontram as forças australianas, e de certos territórios ocupados pelos japoneses no Oriente, onde forças australianas estiveram em operações na primeira fase da guerra. A ocupação desses territórios, que vem acrescentar-se à participação das forças australianas na ocupação do território metropolitano nipónico e de Singapura, será realizada em fases sucessivas.—(R.).

A rendição em Batávia

MANILA, 29.—Vários barcos de guerra holandeses navegavam em direcção a Batávia, onde vão aceitar a rendição das forças japonesas que se encontram nas Índias Orientais Holandesas.—(United Press).

A ocupação de Porto Artur pelas forças russas

LONDRES, 29.—Eric Downton, correspondente especial da Reuter, em Moscovo, informa que a bandeira russa flutua de novo em Porto Artur. A bandeira da Esquadra Soviética do Oceano Pacífico foi içada ontem, com grande cerimónia, no mastro em que flutuou durante 40 anos a bandeira japonesa do Sol Nascente.

As divisões do Exército Vermelho foram as primeiras a chegar a Porto Artur, seguidas pouco tempo depois pelas unidades da Esquadra do Pacífico, infantaria de Marinha, que para ali seguiram de avião. Toda a guarnição japonesa se rendeu e saiu da cidade. Foram tomadas pelas forças soviéticas todas as armas, o que significa a sua rendição à esquadra russa, que estava ao largo. Não há destruições na cidade.—(R.).

Os russos convocaram

oficiais e nazis alemães para registo

BERLIM, 29.—As autoridades militares soviéticas ordenaram a todos os antigos membros do Exército alemão, desde a patente de tenente para cima, e a todos os membros das antigas organizações da Gestapo, das SS, das SA e do Partido Nazi, domiciliados na zona da ocupação soviética da Alemanha, que se apresentem até 25 de setembro, às autoridades russas, para efeitos de registo.—(U. P.).

Morte de dois homens

asfixiados pelos gases das fossas que iam destapar

OLHAO, 29.—(Pelo telefone).—Quando pretendiam destapar as fossas existentes na fábrica de conservas Guerreiro & C.ª Lda, no sítio de Marin, subúrbio de Olhao, morreram os operários da mesma fábrica Joaquim Domingos solteiro, de 20 anos e José Cristóvão, casado, de 24, e ficou inanimado, em consequência dos gases, Mateus Azinheira Ervilha, casado, de 36, que foi salvo a custo.

No local compareceram os bombeiros municipais de Faro, que retiraram os cadáveres. Compareceram o delegado de saúde e o dr. Guita, que reanimaram dezenas de operários da mesma fábrica vítimas de ataques nervosos, pois estabeleceu-se o pânico em consequência do qual estiveram iminentes casos fatais com mulheres grávidas.

E' impossível habitar o referido local, que era preferido todos os anos por milhares de pessoas para mudança de ares e que fugiram da vila em consequência dos detritos lançados ali pela referida firma, a qual destapou as fossas, impossibilitando o trânsito pelo caminho que corre junto da ponte do caminho de ferro.

Novas revelações

ácêrca dos entendimentos entre Quisling e os alemães

OSLO, 29.—Foram ontem revelados dois novos documentos sobre o julgamento de Quisling. Um é constituído por um memorando a respeito das negociações entre Quisling e os alemães em Oslo, que levaram à retirada de Quisling e do seu governo em 15 de abril de 1940, seis dias depois de ter sido estabelecido, após a invasão alemã.

O documento dá pormenores dos encontros entre Quisling e Albert Hargelin, agente de Quisling na Alemanha, por um lado, e o dr. Kurt Brauer, ministro alemão na Noruega, e o dr. Habicht, director ministerial na Wilhelmstrasse, com o título de subsecretário de Estado, por outro lado.

Segundo esse documento, Quisling a princípio opôs-se à sugestão alemã de que ele se devia retirar, mas depois, quando lhe declararam que era o desejo expresso de Hitler, concordou.

Os alemães prometeram que nem a sua pessoa nem a sua liberdade sofreriam qualquer coisa e foi-lhe declarado que «ficaria em reserva» para futura actividade política.

Quisling declarou que lamentava a decisão «tanto sob o ponto de vista nacional norueguês como sob o ponto de vista alemão, porque ele trabalhara e continuaria a trabalhar».

Finalmente, concordou com o pedido «porque não tomara a responsabilidade de maiores derramamentos de sangue, que se dariam no caso de continuar a resistência norueguesa».

Outro documento, de 1 de março de 1944, era uma estimativa secreta com as estatísticas reunidas pelo Ministério do Comércio de Quisling no que respeitava à troca de mercadorias entre a Noruega e a Alemanha durante a ocupação, e segundo as quais a Alemanha recebeu cinco vezes mais géneros alimentícios da Noruega do que aqueles que lhe enviou em troca.

O primeiro golpe de Estado de Quisling, na altura da invasão alemã, não teve o apoio oficial dos alemães. O «governo nacional» foi demitido depois duma semana, e constituído um conselho administrativo norueguês não-político. Quisling voltou ao poder como «ministro presidente», em 1 de fevereiro de 1942, quando Terboven, comissário do Reich, lhe confiou a constituição do novo governo.—(R.).

O julgamento recomeçou hoje

OSLO, 29.—Recomeçou esta manhã o julgamento de Quisling, com uma cerrada e tremenda acusação do Promotor de Justiça, que forneceu ao tribunal um bem elaborado e documentado resumo das provas que obteve contra Quisling.

O julgamento de Quisling deve terminar na terça-feira próxima e está já tudo organizado para que o presidente do tribunal, que está a julgar o traidor norueguês, possa anunciar ao mundo pela T. S. F. a sentença.—(United Press).

A primeira conferência

entre Chang-Kai-Shek e Mao Tze Tung

CHUNG-KING, 29.—Anuncia-se, oficialmente, que se realizou a primeira conferência entre o generalíssimo Chang-Kai-Shek e o general Mao Tze Tung, chefe das forças chinesas comunistas e que a mesma decorreu numa atmosfera cordial e de grande compreensão.

Os círculos políticos chineses estão cada vez mais convencidos de que ambos os estadistas chineses chegarão a completo acordo e que se evitará que a China seja lançada numa guerra civil.—(United Press).

Leiam hoje o



Preconiza-se

um auxílio de reconstrução a prestar pelos E. U. à Grã-Bretanha

NOVA YORK, 29.—O «Jornal do Comércio», passando em revista o panorama da comunidade financeira, insiste na urgente necessidade de um auxílio de reconstrução a prestar à Inglaterra.

«Uma Grã-Bretanha depauperada, escreve, poderá fornecer reduzidos mercados aos produtos americanos e uma influência política britânica enfraquecida pelas dificuldades económicas viria a ter repercussões graves na causa da democracia através da Europa».

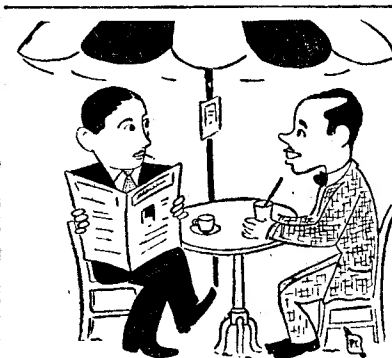
Destacando que a Grã-Bretanha perdeu oito biliões de dólares em títulos públicos estrangeiros, ou seja cerca de metade dos seus investimentos de capitais no estrangeiro, e contraiu, ali, uma dívida flutuante que se eleva a 16 biliões de libras papel, insiste na facilitação dum empréstimo de reconstrução, «numa base não comercial» acompanhado duma «solução final equitativa para a dívida fundada esterlina da Grã-Bretanha».

Para conseguir isto, continua o mesmo artigo, «os credores de boa vontade teriam de reduzir consideravelmente a avalanche das suas reclamações em troca de pagamento parcial em dinheiro, como parte de um ajuste total e definitivo, envolvendo larga contribuição dos Estados Unidos. Nas discussões a realizar em Washington num próximo futuro para o estabelecimento de um programa de assistência financeira à Grã-Bretanha, os peritos deveriam fixar, como base, um auxílio de construção, em quantitativo suficiente e de efeito permanente, como solução plausível da dívida esterlina fundada. Só então a Grã-Bretanha se encontrará em condições de poder colocar-se lado a lado com este país na tarefa de fazer aflourar as barreiras do livre comércio e comércio e trabalhar pela expansão da economia mundial».—(U. P.).

Foi preso na Austria

o antigo ajudante de Hess

VIENA, 29.—Herbert Stenger, ajudante de Rudolf Hess, foi preso na Austria por forças do Exército americano. Stenger, importante banqueiro e exportador de Munich, antes de se filiar no Partido nazi, na qualidade de ajudante de Hess, foi encarregado pelo Governo alemão de fiscalizar a produção do aço na França, a seguir à fuga de Hess para a Grã-Bretanha.—(Reuter).



—Essa é boa!... Um homem apreciador de pratos especiais como tu, viajado e moderno, e ainda não conheces o Restaurante «VESUVIO»!??

—E, onde fica?... —Olha, vais à Feira Popular e facilmente o encontrarás; é o melhor recinto do parque!... e garanto-te que ficarás satisfeito, sendo o preço do jantar completo só 40\$00. Hoje Canelonis, amanhã Spaghetti.

Se passar por Samora Correia VISITE A PENSÃO NAZARENO